

# RIO


REVISTA  
INFORMATIVA  
DE ÓBIDOS

JULHO » 08  
INFO MAIL | TAXA PAGA

Edição Especial

## Os Combates de Óbidos e a Batalha da Roliça

bicenténario  
**1000**



EDIÇÃO ESPECIAL  
OS COMBATES DE ÓBIDOS E A BATALHA DA ROLIÇA - 200 ANOS

PROPRIEDADE E EDIÇÃO  
CÂMARA MUNICIPAL DE ÓBIDOS

TEXTOS E COORDENAÇÃO CIENTÍFICA  
ÂNGELA OLIVEIRA, JOÃO PEDRO TORMENTA  
E RICARDO PEREIRA (ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL)

INFOGRAMAS  
MIGUEL AGOSTINHO

CAPA  
JOÃO BERNARDES

DESIGN GRÁFICO  
SUSANA SANTOS

FOTOGRAFIA  
MUNICÍPIO DE ÓBIDOS

IMPRESSÃO  
GTO 2000 - SOC. DE ARTES GRÁFICAS, LDA.

DEPÓSITO LEGAL  
186600/02

ISSN  
1647-0494

TIRAGEM  
4000 EXEMPLARES

ÓBIDOS, 2008

# Editorial

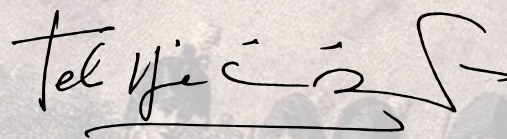
Assinalando o Bicentenário dos Combates em Óbidos e da Batalha da Roliça, ocorridos entre 15 e 17 de Agosto de 1808, o Município de Óbidos não poderia deixar passar em claro esta efeméride. Com esse intuito, preparámos um caderno temático e uma exposição evocativa.

Tendo os primeiros combates da Guerra Peninsular, entre as tropas anglo-portuguesas e as forças napoleónicas, iniciado no nosso Concelho e culminado na Batalha da Roliça (que fazia parte, nos inícios do século XIX, do termo de Óbidos), cabe-nos o dever de evocar um acontecimento histórico que mudou a realidade política, económica e social do Portugal de oitocentos.

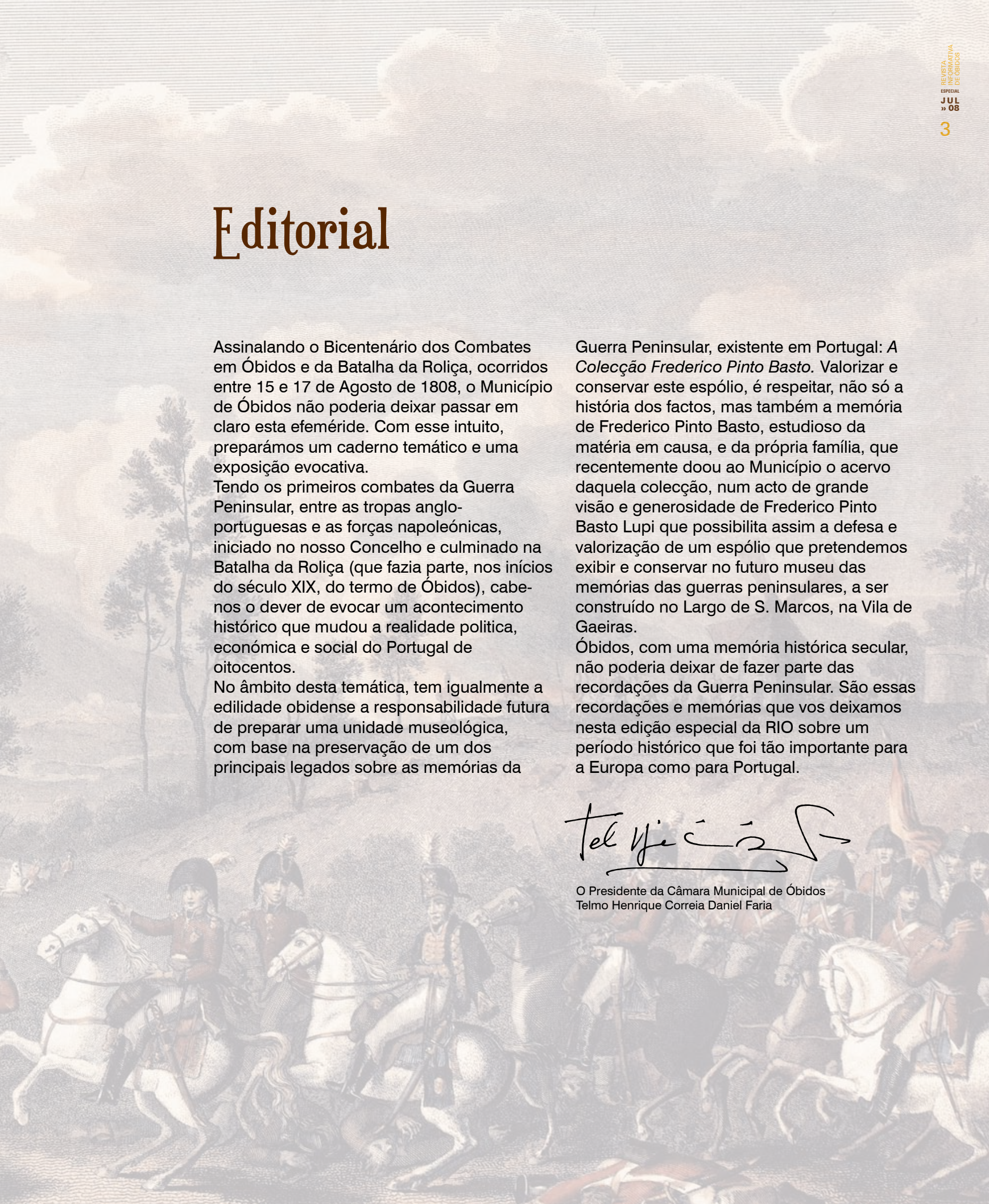
No âmbito desta temática, tem igualmente a edilidade obidense a responsabilidade futura de preparar uma unidade museológica, com base na preservação de um dos principais legados sobre as memórias da

Guerra Peninsular, existente em Portugal: *A Coleção Frederico Pinto Basto*. Valorizar e conservar este espólio, é respeitar, não só a história dos factos, mas também a memória de Frederico Pinto Basto, estudioso da matéria em causa, e da própria família, que recentemente doou ao Município o acervo daquela colecção, num acto de grande visão e generosidade de Frederico Pinto Basto Lupi que possibilita assim a defesa e valorização de um espólio que pretendemos exhibir e conservar no futuro museu das memórias das guerras peninsulares, a ser construído no Largo de S. Marcos, na Vila de Gaeiras.

Óbidos, com uma memória histórica secular, não poderia deixar de fazer parte das recordações da Guerra Peninsular. São essas recordações e memórias que vos deixamos nesta edição especial da RIO sobre um período histórico que foi tão importante para a Europa como para Portugal.



O Presidente da Câmara Municipal de Óbidos  
Telmo Henrique Correia Daniel Faria



# O legado da revolução francesa de 1789



▲ Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (26 de Agosto de 1789)

Como afirmou um pensador francês, Alexis de Tocqueville, a Revolução Francesa de 1789, “cujo objecto específico era abolir por todo o lado o resto das instituições da Idade Média” (Alexis de Tocqueville, “L’ Ancien Regime e La Révolution”, livro II, cap. I), destruiu toda uma estrutura feudal, assente no domínio de determinadas classes privilegiadas (nobreza e clero) sobre uma única – o chamado Terceiro Estado, reflectido na burguesia, campesinato sem terras, e os chamados *sans-culottes* (artesãos, aprendizes e proletários). Esta estrutura social francesa permanecia essencialmente aristocrática. A terra constituía a única fonte de riqueza social, conferindo aqueles que a possuíam poder sobre aqueles que a cultivavam.

Por outro lado, neste século XVIII francês, no meio urbano, começava a emergir uma nova classe, a chamada burguesia, que dominava as relações comerciais, industriais e financeiras, fornecendo ao próprio Estado os quadros administrativos necessários para a sua sobrevivência. Esta classe burguesa começava também a ganhar uma certa consciência da sua importância na sociedade francesa, crente no progresso da sociedade.

Este progresso foi influenciado pelo chamado iluminismo, que veio

trazer novos conceitos, que se traduziram na ênfase das ideias de progresso e perfectibilidade humana, assim como a defesa do conhecimento da razão e do racional como meio para a superação de preconceitos e ideologias de raízes tradicionais (como era o caso da sociedade do Antigo Regime). Todos os seus pensadores, desde John Locke passando por Voltaire, Charles de Montesquieu, Jean Jacques Rousseau, Denis Diderot e finalizando em Kant, acreditavam que só através do postulado do conhecimento crítico da sociedade podia-se contribuir para a sua progressão. Em 1784, Immanuel Kant, no ensaio “Uma resposta à questão: o que é o iluminismo”, descreve de uma forma coerente o que esta atitude de pensamento pretende para a liberdade individual do homem. Assim: “O Iluminismo representa a saída dos seres humanos de uma tutela que estes mesmos se impuseram a si. Tutelados são aqueles que se encontram incapazes de fazer uso da própria razão independentemente da direcção de outrem. É-se culpado da própria tutela quando esta resulta não de uma deficiência do entendimento mas da falta de resolução e coragem para se fazer uso do entendimento independentemente da direcção de outrem. Sapere aude! Tem coragem para fazer uso da tua própria razão! - esse é o lema do Iluminismo”.

Esta corrente de pensamento preparou o caminho para a Revolução Francesa, fornecendo-lhe o lema que ficou conhecido por todo o mundo ocidental como “Liberté, Fraternité, Igualité” (Liberdade, Fraternidade, Igualdade). A Revolução na “Déclaration des Droits de L’ Homme et du Citoyen” (Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão), embora inspirada na Declaração de Independência dos Estados Unidos (1776), defendia o direito de todos à liberdade, à propriedade, à igualdade jurídica e não económica e de resistência à opressão. Porém, a desigualdade social e a riqueza continuavam a existir. Na prática, o nascimento, a tradição e o sangue foram substituídos pelo dinheiro e pela propriedade, que seriam, agora o garante de prestígio social. Como qualquer processo revolucionário em curso, os primeiros dez anos da revolução, foram bastante agitados e sangrentos. Veja-se o período de instauração do Regime de Terror (1793-94), do qual resultaram a morte de milhares de franceses.

Contudo, as reformas foram sempre acompanhando a revolução, transformando a realidade da sociedade francesa de uma forma radical. A aristocracia foi destruída nos seus privilégios, acabando por perder o seu estatuto, sendo o sistema feudal da propriedade abolido. Esta situação permitiu que o campesinato pudesse, finalmente, libertar-se das amarras do poder senhorial, com que sempre viveu, provocando a destruição dos monopólios que sempre estiveram nas mãos dos mesmos e unificando o mercado. A Revolução marcou, assim, de uma forma decisiva a transição para um ainda incipiente capitalismo. Como se sabe a ruína da propriedade fundiária feudal e do sistema corporativo, a que estava associado, permitiu a libertação dos pequenos e médios produtores, acelerando o processo de diferenciação de classes no meio rural, como no artesanato e na pequena indústria urbana. Este estado de coisas na economia, assegurou a autonomia do modo de produção, tanto na agricultura, como na indústria. Aliado a toda esta profunda revolução na economia francesa, verificou-se no campo social, a substituição da chamada fortuna herdada entre pais e filhos nobres, pela existência de uma burguesia endinheirada que favoreceu a especulação dos diversos mercados, equipou e reabasteceu o exército, explorou os novos

países que podiam ser conquistados e que lhes podiam fornecer novas oportunidades de expandir os negócios. Claro que esta, para conseguir estes seus intentos, se aliou às massas rurais e urbanas, às quais foi necessário favorecer e mesmo satisfazer as suas ambições. Para isso, teve de democratizar a economia. Todos eles fossem pequenos e grandes produtores, ou simples camponeses e artesãos independentes, podiam trabalhar e comerciar a sua produção livremente.

Como nos afirma o historiador francês Albert Soboul: “A Revolução Francesa conseguiu assim um lugar destacado na história moderna e contemporânea: a revolução camponesa e popular estava no coração da revolução burguesa e empurrou-a para a frente” (Albert Soboul, “Revolução Francesa”, p.161).

## A emergência de um líder · Napoleão Bonaparte



Claro que qualquer revolução tem, de um momento para o outro, de estabilizar-se num poder forte o que, durante os seus primeiros dez anos, não aconteceu. Por isso, os burgueses mais lúcidos e influentes perceberam que com o Directório (1795-1799) não teriam condição por mais tempo de resistir aos inimigos externos e principalmente aos internos, e assim, manter o poder. Acreditavam na necessidade de uma ditadura militar, forte e com carácter, para conseguir manter a ordem e a paz interna, e claro, manter os seus lucros. O homem ideal, para conseguir o que pretendiam era um jovem general, de seu nome, Napoleão Bonaparte. Este jovem, de origem corsa, quando deflagrou a revolução, era apenas um



## António Gomes da Silva Pinheiro

AROUCA, 19 DE JUNHO DE 1763  
GAEIRAS, 1 DE JULHO DE 1834

Baptizado na Freguesia de S. Miguel, Concelho de Arouca, filho de António Gomes e de Maria Pinho. Em 1780, compra uma propriedade numa localidade chamada de Gaeiras, perto da Vila de Óbidos, recuperando e ampliando uma fábrica de curtumes já existente. Nomeado, em 1799, como Provedor do Hospital Real das Caldas da Rainha, aí permaneceu até 1833. Com a chegada dos franceses, em Novembro de 1807, é intimado pelo general francês Thomières, numa carta em Dezembro desse ano, a acolher 400 soldados franceses acometidos de sarna, depois de uma longa jornada a pé pelos caminhos pedestres espanhóis e portugueses. Em Agosto de 1808, empregou todos os meios para que o exército inglês tivesse sucesso perante as tropas francesas, acomodando, inclusive, alguns oficiais ingleses na sua propriedade, nas Gaeiras. Para que esse êxito fosse uma realidade, chegou, segundo determinados relatos, a percorrer, casa a casa, para que cada um dos seus habitantes, oferecesse vinho e alguns géneros alimentícios para alimentar o exército inglês. Após a Batalha da Roliça, ocorrida em 17 de Agosto de 1808, acomoda no Hospital das Caldas, uma grande parte dos feridos ingleses, o que leva o Príncipe Regente, D. João VI, a escrever-lhe, em 24 de Outubro de 1808, estimando a forma como foram tratados esses mesmos soldados da “Velha Albion”. A partir de 1811, em consequência do caos geral causado pelas tropas do marechal André Massena, toma medidas, como Provedor do Hospital, de combate às doenças e pobreza que grassam nas terras circunvizinhas de Caldas da Rainha, sendo louvado, pelos governadores do reino, pela sua extensa humanidade. Mais tarde apoiou politicamente, conjuntamente com o seu filho, o Dr. Adriano Gomes da Silva Pinheiro, o partido absolutista de D. Miguel. A derrota deste, na Guerra Civil, levou a que fosse demitido, em 23 de Outubro de 1833, do cargo de Provedor do Hospital Real das Caldas, em: “...consequência da sua má conduta política”, cargo este que ocupara durante trinta e quatro anos, num dos períodos mais conturbados da História de Portugal.





▲ Queda do Forte-Prisão da Bastilha, em 14 de Julho de 1789

simples tenente. Mas ao tornar-se famoso nas campanhas de Itália e especialmente do Egipto, consegue criar a imagem, de que só com ele no poder a revolução e seus ideais vingariam em França e no resto da Europa. Assim, com o apoio de toda a grande burguesia, Bonaparte, juntamente com alguns dos seus generais mais fiéis, executam um golpe de estado, depondo o Directório e instaurando, em 10 de Novembro de 1799, o seu Consulado. A partir daqui, a Revolução Francesa, eleva-se a outro patamar. Napoleão, quer espalhar os ideais da revolução a toda a Europa, e isso interessou a uma burguesia francesa, cada vez mais ávida de ter a supremacia do mercado comercial europeu.

Assim, durante este período napoleónico estabeleceu-se a separação dos diversos poderes (legislativo, executivo e judicial), proclamou-se o princípio da soberania da Nação pelo voto, afirmou-se a liberdade individual, a igualdade de direitos, o respeito pela propriedade e o direito de resistência à opressão, mas na verdade a sociedade francesa estava sob a égide de uma autocracia mal disfarçada.

Dotou o Estado de um Código Civil (1804), o chamado “Código de Napoleão”, sendo responsável pela modernização jurídica francesa. Para além deste Código, promulgou outros quatro, o de Processo Civil (1806), o de Comércio (1807), o de Instrução Criminal (1808) e o Penal (1810), servindo de exemplo a diversos estados europeus que nele se inspiraram, adoptando-lhe os seus princípios e reproduzindo-lhe as suas disposições. Napoleão, reforma ainda o sistema tributário, fundando o Banco Nacional de França, com o objectivo de exercer um maior controlo nos negócios fiscais.

Para continuar a conquistar o apoio da burguesia, enceta um programa de obras públicas, beneficiando as cidades francesas, com obras utilitárias e muitas vezes monumentais, além da drenagem de pântanos e a construção de novas comunicações fluviais e terrestres, que muito iriam influenciar a liberdade do comércio.

Também a educação, mereceu da parte de Bonaparte

uma atenção muito especial para formar os mais diversos funcionários, tão essenciais para trabalharem na máquina burocrática estatal. Reorganizou o ensino público, promovendo a instalação de escolas elementares em cada aldeia ou cidade francesa, criando ainda os chamados Liceus e reunindo todo o corpo docente do país numa única corporação, que detinha o monopólio do ensino: A Universidade Imperial.

Assim, as reformas e medidas administrativas implementadas durante o período napoleónico, permanecem, algumas delas, até aos dias de hoje na administração francesa.

Externamente, a sua política marcou o fim da diplomacia tradicional, fundamentada nas alianças dinásticas, através de acordos matrimoniais, muitas vezes de conveniência.

Essencialmente um homem de armas as suas ambições não passavam pela simples defesa das instituições republicanas imanadas da Revolução de 1789, mas sim pela expansão e supremacia no cenário europeu dos novos conceitos de sociedade que a República Francesa prometia.

Esta proposta napoleónica, originou o deflagrar de diversas guerras por essa Europa fora, que resultaram em importantes mudanças na orientação da própria história do século XIX, levando a que países, mais conservadores e absolutistas, como a Grã-Bretanha, Áustria e Rússia se unissem contra esse projecto de um Império Republicano Europeu. Todavia, os êxitos militares que o Bonapartismo conseguiu atingir, obrigaram muitos soberanos europeus, nos seus países, a empreender determinadas reformas sociais.

O seu domínio provocou resistências e em alguns países, contribuiu, de uma certa forma, para o acordar de um sentimento nacional e patriótico. Este foi o caso de países como a Espanha e de Portugal, nos quais a população, abandonada à sua sorte, pelos seus soberanos, tentou resistir como pôde ao invasor e intruso francês, numa Guerra Peninsular, que muito contribuiu para o fim do Império nascido com a Revolução Francesa de 1789.



Liberdade, onde estás? Quem te demora?  
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?  
Porque (triste de mim!) porque não raia  
Já na esfera de Lísia a tua aurora?

Da santa redenção é vinda a hora  
A esta parte do mundo, que desmaia.  
Oh!, venha . . . Oh!, venha, e trémulo descaia  
Despotismo feroz, que nos devora!

Eia! Acode ao mortal que, frio e mudo,  
Oculta o pátrio amor, torce a vontade  
E em fingir, por temor, empenha estudo.

Movam nossos grilhões tua piedade;  
Nosso númen tu és, e glória, e tudo,  
Mãe do génio e prazer, ó Liberdade!

Manuel Maria Barbosa du Bocage  
In: RIMAS (2º volume) - 1779

## Os ecos da revolução em Portugal

Os ecos da revolução francesa espalham-se rapidamente por toda a Europa, desde a Península Ibérica aos Urais. Desde cedo as autoridades portuguesas tentam a todo o custo sustentar a onda revolucionária que se propagava, através de um controlo cerrado de toda a informação que vinha de França e de uma censura contra tudo. O Intendente-Geral da Polícia, Diogo Pina Manique, orientou todos os esforços das autoridades régias, no sentido de impedir que a revolução alastrasse a Portugal, através da proibição de circulação de livros e publicações, assim como o incremento das perseguições aos intelectuais.

“A Gazeta de Lisboa” edita a última notícia sobre os acontecimentos revolucionários em França a 5 de Setembro de 1789. A partir desta data só se volta a fazer referência à França no dia 15 de Dezembro de 1789 e com uma notícia, ocorrida e datada de 24 de Novembro, acerca de uma discussão tida na “Academia Real das Ciências” de Paris sobre ... astronomia. A pedido de Napoleão Bonaparte, o regente D. João acabaria por demitir Pina Manique, que viria a falecer dois meses depois de abandonar o cargo.



## William Carr Beresford

IRLANDA, 2 DE OUTUBRO DE 1768  
BEDGEBURY, INGLATERRA, 8 DE JANEIRO DE 1854

Com Portugal Continental ocupado pelas tropas francesas invade, em nome do rei de Portugal, em Dezembro de 1807, a ilha da Madeira, mantendo-se durante seis meses como governador e comandante-em-chefe do território insular. Por decreto do Conselho de Regência, de 7 de Março de 1809, é nomeado comandante-em-chefe e marechal do exército português, tendo por missão a reorganização e disciplina da tropa portuguesa. Por esta altura, o exército português encontrava-se num estado de decrepitude e ineficácia: os seus melhores homens ou tinham partido para o Brasil, ou se encontravam ao serviço de Napoleão, na chamada Legião Portuguesa. Estando o seu quartel-general, situado em Lisboa (Largo do Calhariz), começou, de imediato, a alterar alguns pontos das ordens do dia, para informar o exército e apurar a sua disciplina. Estes pontos podem ser encontrados na sua obra “Colecção das Ordens do Dia (1809-1823)”. Ajudou as forças de Wellesley no norte de Portugal, entre Abril e Maio de 1809, aquando da 2ª invasão francesa, sob o comando de Soult. Em 16 de Maio de 1811, participa activamente na Batalha de Albuera (Espanha), comandando uma força anglo-portuguesa, de aproximadamente 20 000 homens. Nesta contenda, que teve o apoio de forças espanholas, com cerca de 15 000 homens, Beresford, teve uma amarga vitória no confronto que teve com Soult, sendo mesmo acusado, pela sua tática, de ser o grande responsável pelo grande número de vítimas, do lado aliado. Com o fim da Guerra Peninsular, regressa, de novo a Portugal, reassumindo o posto de comandante-em-chefe do exército português. Neste período, entra em permanente rota de colisão com o Conselho de Regência, o que o leva a partir para o Brasil, em Agosto de 1815, em busca da legitimação, por parte do poder real e de poderes mais alargados. Retorna a Portugal, em Setembro de 1816, investido desses poderes. No entanto, o agudizar das más relações existentes entre ele e o Conselho de Regência, leva-o a embarcar novamente, em direcção ao Brasil (2 de Maio de 1820), em busca de mais amplos poderes. No Rio de Janeiro, D. João VI reforma o próprio Conselho de Regência, reduzindo-a a funções meramente administrativas e concentra todos os outros poderes nas mãos de Beresford, que ficou investido no cargo de marechal-general (conseguindo os intentos, com que partiu). Contudo, no regresso a Lisboa, em 10 de Outubro de 1820, foi impedido pela Junta Revolucionária de desembarcar e foi mandado regressar a Inglaterra.



# A Marcha do Progresso



◀ Batalha de Fleurus (26 de Julho de 1793) – O balão de reconhecimento (canto superior direito) entra agora no campo de batalha e na arte, numa demonstração da superioridade técnica da jovem república.



O final do séc. XVIII e inícios do XIX, foram ricos em inovações tecnológicas e científicas, que levariam a humanidade a novos patamares de conhecimento, abrindo as portas para uma nova era. As novas descobertas da ciência, a par de uma série de expedições científicas, provocaram e influenciaram as transformações sociais e económicas e, revelando novas áreas de saber para a humanidade, que deitaram por terra dogmas medievais que se afundaram com as monarquias absolutistas. Pela primeira vez na história da humanidade, a arte e o engenho, compreendidas na raiz original das palavras, atingem e superam os patamares alcançados pelo Império Romano, a Europa e o mundo entram noutra ciclo: a Contemporaneidade.

## O Balão de Ar Quente

Fruto das experiências dos irmãos Montgolfier, o homem poderá agora realizar um dos seus sonhos primordiais: o voo. No dia 5 de Junho de 1783, exibiram publicamente um balão que possuía 32 metros de circunferência e era feito de linho que foi enchido com ar quente de uma fogueira de palha seca, elevou-se do chão cerca de 300 m e, durante cerca de 10 minutos voando a uma distância de aproximadamente 3 Km. No dia 19 de Setembro de 1783, perante o rei Luís XVI e a rainha Maria Antonieta, Joseph Montgolfier repetiu a sua experiência, o balão voou por 25 minutos com dois ocupantes (Pilatre de Rozier e François Laurent) percorrendo mais ou menos 9 Km. Pela primeira vez na história da humanidade, o homem voa!

Para além da terra e da água, a humanidade conquista o outro dos elementos e entra num domínio que apenas estava reservado aos pássaros... e aos anjos.

Anos antes, em 1709, em Portugal, o padre Bartolomeu de Gusmão havia também realizado uma série de experiências, algumas bem sucedidas, na presença do próprio rei D. João V, mas que acabariam por ser proibidas pelo Tribunal do Santo Ofício.

Com o aparecimento dos primeiros balões de hidrogénio, rapidamente a nova invenção torna-se num instrumento ao serviço da República. A 26 de Julho de 1792, as forças francesas travam e derrotam o exército austríaco nos Países Baixos, na localidade de Fleurus. Pela primeira vez, um balão de hidrogénio é utilizado num campo de batalha, para observar os movimentos dos exércitos inimigos. O balão de reconhecimento: "l'Entreprenant" contribuiu, deste modo, para a vitória da França.

Após a vitória de Austerlitz, as autoridades imperiais chegaram mesmo a por a hipótese de invadir Inglaterra, através de uma frota de enormes balões, que transportariam o seu "Grande Armée", por cima do escudo defensivo da marinha real britânica. Este plano, bem como o plano de escavar um túnel da França às ilhas britânicas, foram colocados de lado, até ao séc. XX.

## A Pilha de Volta

Em 1800, o físico italiano Alessandro Volta, depois de ter constatado o efeito da passagem da corrente eléctrica nos músculos, construiu um equipamento capaz de produzir corrente eléctrica continuamente: a pilha de Volta. O físico empilhou



## Bernardim Freire de Andrade

LISBOA, 18 DE FEVEREIRO DE 1759  
BRAGA, 18 DE MARÇO DE 1809

Alista-se no exército, começando como cadete do Regimento de Infantaria de Peniche. Foi já no posto de tenente-coronel, que parte para a Catalunha, participando na Campanha do Rossilhão. O deflagrar da chamada Guerra das Laranjas (1801), levou-o a cancelar os preparativos da sua ida para o território brasileiro, acabando por se envolver no conflito peninsular. Assim, é nomeado comandante da brigada de granadeiros e caçadores do exército do Alentejo, participando activamente no combate de Arronches (29 de Maio de 1801), na qual conseguiu salvar as forças sob o comando do coronel José Cárcome Lobo de serem totalmente arrasadas pelo exército espanhol. Em 25 de Fevereiro de 1807, é, ao mesmo tempo, promovido a marechal-de-campo e nomeado governador de armas da região militar do Porto. Porém, com a primeira invasão francesa, não permanece muito tempo neste último cargo, pedindo a sua dispensa, imediatamente concedida pelo Conselho de Regência. Retira-se, entretanto, para a cidade de Coimbra. Junta-se ao seu primo direito, D. Miguel Pereira Forjaz, dirigindo-se, de imediato para o Porto, onde, em Julho de 1808, iniciam e organizam uma força militar, com o nome de "exército de operações da Estremadura", que embora pouco armada e mal treinada, consegue chegar a Coimbra a 5 de Agosto de 1808, com o intuito de apoiar o flanco esquerdo do exército britânico, sob o comando de Arthur Wellesley. No entanto, Sir Arthur, não chega a utilizar a totalidade das tropas comandadas por Bernardim Freire, pois sabia que por mais vontade e patriotismo que demonstrassem, só isso não seria suficiente para fazer frente ao um bem estruturado exército francês, incorporando apenas cerca de 1 500 homens nas fileiras do exército britânico, que serão comandados pelo comandante inglês, o coronel Nicholas Trant, nas Batalhas da Roliça (17 de Agosto de 1808) e Vimeiro (21 de Agosto de 1808). De regresso ao cargo de governador militar do Porto, recebe a missão, em 1809, de defesa da região do Minho, durante a 2ª invasão francesa, agora sob o comando de Nicolas Soult. Impedindo a entrada deste oficial francês em Portugal, por Caminha, contudo, não consegue travar o avanço francês, devido à escassez de armas e de homens convenientemente treinados. No entanto, influenciados pelos habitantes da região, os homens, por si comandados, são levados a crer que ele era um colaboracionista e conivente com a causa francesa. Por mais de uma vez, consegue escapar à fúria das milícias, o que não veio a acontecer no dia 18 de Março de 1809, quando a sua pequena escolta é insuficiente para conter a população enraivecida que o assassina, perto de Braga. A sua vida ligada à causa nacional acaba assim de forma inglória.





▲ Alessandro Volta, demonstrando a Napoleão a primeira pilha eléctrica (1801)

alternadamente discos de zinco e de cobre, separando-os por pedaços de tecido embebidos em solução de ácido sulfúrico. A pilha de Volta produzia energia eléctrica sempre que um fio condutor era ligado aos discos de zinco e de cobre, colocados na extremidade da pilha.

Napoleão desejava conhecer a pilha eléctrica e pediu-lhe para fazer demonstrações em Paris, o que aconteceu em 1801. Numa das experiências, Volta mostrou a tensão produzida pelo contacto de uma placa de cobre e uma de zinco. Noutra, apresentou uma pilha com 88 discos de zinco e prata. Por fim, demonstrou a decomposição da água por acção da pilha. Volta foi muito homenageado em França. Napoleão convidou-o a prosseguir as suas experiências sobre a electricidade em França, tornando-se Professor da Universidade de Paris. Além disso, outorgou-lhe o título de Conde em 1801, fê-lo membro associado do Instituto de França e em 1810 nomeou-o senador do Reino da Lombardia. Volta não se interessava por política, aceitando a soberania austríaca em Itália. Em 1815 o Imperador da Áustria fê-lo Director da Faculdade de Filosofia da Universidade de Pádua, onde ficou até 1819, quando se reformou.

## A Locomotiva

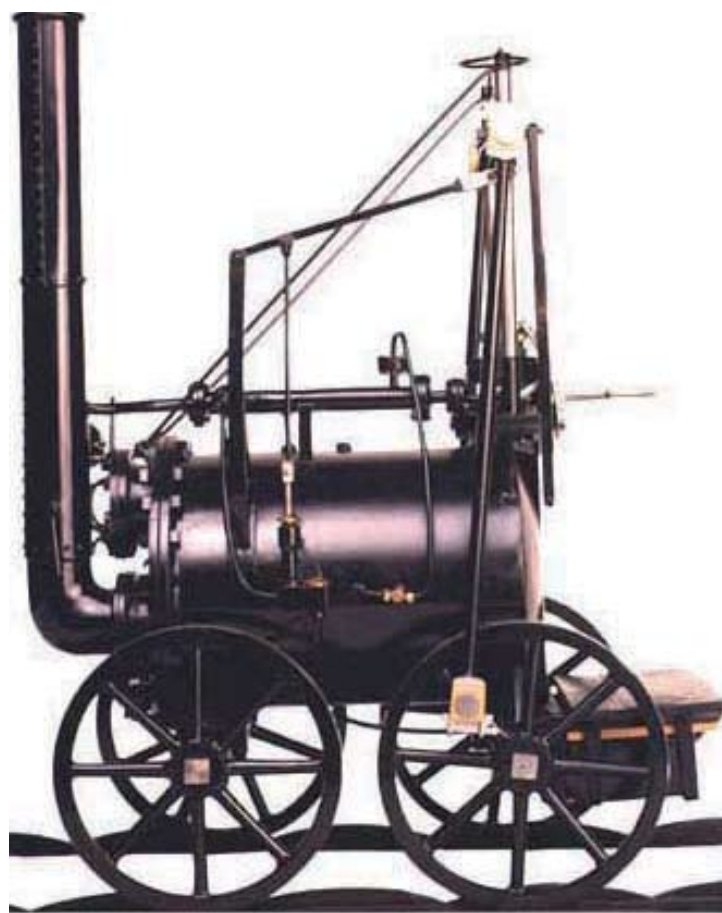
No início do séc. XVIII, a máquina a vapor proporcionava ao homem uma nova forma de energia, aplicada essencialmente nas bombas de água das minas e na fiação.

Várias experiências haviam sido efectuadas desde o final do séc. XVIII no sentido de construir uma “carruagem” movida a vapor. No entanto, apenas em 1808, o engenheiro britânico Richard Trevithick, construiu a primeira locomotiva a vapor. As primeiras demonstrações ocorreram nesse mesmo ano em Londres, tendo sido um enorme sucesso, atraindo desde logo bastantes apoiantes. Como curiosidade, a máquina chamava-se: “Catch

me who can” (apanhem-me se puderem) e circulava à modesta velocidade de 19 Km/h.

A partir desse momento, o comboio irá moldar a paisagem rural e urbana e entrará no quotidiano da humanidade, tornando-se sinónimo de desenvolvimento e progresso durante todo o séc. XIX. A locomotiva irá ser o principal meio de transporte terrestre, até ao final da Segunda Guerra Mundial. Sendo então substituído pelos veículos de combustão interna, movidos a petróleo.

Em 1803, Fulton, realiza os primeiros ensaios com barcos a vapor, no rio Sena. Napoleão interessou-se por essa inovação tecnológica, chegando mesmo a escrever que “poderá mudar a face do mundo”. No entanto a comissão de estudos franceses, rejeita a invenção.



▲ A primeira locomotiva “Catch me who can” - 1808  
Atingia a vertiginosa velocidade de 19km/h

## A Expedição ao Egipto

A expedição de Napoleão ao Egipto, é, sem dúvida, um dos mais conhecidos acontecimentos militares e científicos das guerras da revolução. Pois reveste-se de toda uma áurea de exotismo do país dos faraós. Exotismo esse que Napoleão fez questão de explorar ao máximo.

Apesar do objectivo primordial ser o bloqueio da rota para a Índia, com o exército partiu também um verdadeiro “batalhão” de cientistas e artistas que, pela primeira vez na história iriam realizar um levantamento sistemático do Egipto e da campanha.

A invasão do Egipto inicia-se 1798, com 38 mil homens. Napoleão derrota as forças turcas, aliadas do Reino Unido e corta aos ingleses a rota para a Índia, através do mar Vermelho. No entanto, após a derrota na Batalha do Nilo, o então general Bonaparte perde a sua força naval e vê-se cercado com o seu exército.

Consegue, no entanto, escapar para França num pequeno barco, abandonando as suas forças à mercê das areias do Egipto. O que restava do exército francês acabaria por se render aos britânicos em 1801.

Os verdadeiros vencedores dessa campanha foram as centenas de artistas e sábios que acompanharam a expedição. Do Oriente trouxeram inúmeros desenhos e trabalhos científicos, para uma Europa abismada com a beleza e monumentalidade arquitectónica do antigo Egipto. A Europa redescobre a Antiguidade Clássica. A expedição ao Egipto influenciou toda uma geração de sábios, arquitectos, historiadores, linguistas e artistas, impulsionando o movimento romântico numa determinada direcção.

As lendárias façanhas de Bonaparte no Oriente, onde se incluem a cura a leprosos e reconquista de lugares santos, para além das vitórias militares, eram avidamente lidas por toda a Europa. Catapultando o jovem general para a ribalta da cena europeia, igualando-o a Aníbal, César ou a Alexandre.



▲  
Pedra de Roseta - Descoberta em 1799, no porto egípcio que lhe dá o nome, contribuiu de maneira decisiva para a decifração da escrita hieroglífica, por François Champollion.



## Henri François Delaborde

DIJON, 21 DE DEZEMBRO DE 1764

PARIS, 3 DE FEVEREIRO DE 1833

Distingue-se, pela primeira vez, no dia 3 de Junho de 1792, durante o combate de Glisuelle, contra o exército austríaco, ao substituir no comando do seu batalhão, o general Gouvion. No ano seguinte, já como general de divisão, distinguiu-se no cerco à cidade de Toulon (Setembro a Dezembro), tendo-lhe o general Dugommier, confiado o comando da 5ª divisão do exército. Voltará ao serviço activo em 1807, quando parte para a expedição rumo a Portugal. Em 2 de Dezembro de 1807, Junot confia-lhe o comando da 1ª divisão e o governo militar da capital portuguesa. Com o desembarque em Lavos (Figueira da Foz) do corpo expedicionário britânico, em inícios de Agosto de 1808, cabe-lhe a missão de travar a marcha do exército inglês em direcção a Lisboa. Esta situação, desemboca, primeiramente, na Batalha da Roliça (17 de Agosto), em que Delaborde, apesar de derrotado pelas forças comandadas por Sir Arthur Wellesley, futuro Duque de Wellington, demonstrou uma habilidade estratégica e tática que permitiu ao exército francês, concentrar-se na localidade de Torres Vedras. Em 1809, de regresso à Península Ibérica, continua a comandar a 1ª divisão do 8º corpo do “Exército de Espanha”, participando na Batalha da Corunha (16 de Janeiro), sob o comando de Soult. Entra em Portugal, em Fevereiro desse ano. Distingue-se na Batalha de Lanhoso, perto de Braga. Em 1812, participa na campanha da Rússia, sob as ordens do marechal Mortier, o Duque de Tréviso, ficando com o comando da 1ª divisão de infantaria da Guarda Imperial – divisão formada por regimentos da “Jovem Guarda”. Demitido com a Primeira Restauração da Monarquia em França, volta novamente ao activo com o regresso de Napoleão Bonaparte, em 1815. O Imperador nomeia-o governador das divisões militares do oeste e Par do Reino. Com fim do governo dos “Cem Dias” de Napoleão Bonaparte, é proscrito, pela Segunda Restauração, constando o seu nome na famosa lista de proscricção de 24 de Julho de 1815, e é levado a julgamento, em Setembro desse ano. Sua mulher, conjuntamente com o seu advogado de defesa, publica uma memória justificativa, alegando que existia um equívoco em relação ao seu nome. Verificada a confusão ortográfica, pelos membros do Conselho, que o estavam a julgar, logo esta é corrigida. Na lista aparecia o nome Laborde, mas o general, chamava-se efectivamente, Delaborde. Acabou por ser absolvido e retirado da lista de acusados. Depois deste processo, não participa mais em cargos públicos.



# A Guerra Peninsular

Em Junho de 1789, inicia-se em França um processo de transformação social e político que iria conduzir à implantação da República, com base assente nos novos ideais iluministas, que, desde o início do século XVIII, apontavam para uma nova ordem social, com base na igualdade e liberdade de direitos do indivíduo. No entanto, a “velha” Europa, dos Urais à Península Ibérica, coliga-se com o intuito de sufocar a jovem república e de não permitir que os novos ideais se espalhem para fora das fronteiras gaulesas.

As forças da primeira coligação atacam a república, logo em 1792. Portugal, ao lado da Espanha, envia uma divisão (5 mil homens dirigidos pelo tenente-general britânico John Forbes Skellater) para a Catalunha, participando num ataque coligado ao Sul de França, à zona do Rossilhão. As nossas forças, apesar de alcançarem algumas vitórias iniciais, vêem-se a braços com uma campanha mal planeada e com graves problemas logísticos, agravados após a derrota prussiana em Valmy. Os êxitos iniciais transformam-se rapidamente numa catástrofe militar, quando os exércitos da república francesa, após derrotarem as forças coligadas, passam à ofensiva e invadem o território espanhol. Sem poder deter o motivado exército francês, a Espanha, sob o governo do ambicioso valido, Manuel Godoy muda de partido e, sem consultar Portugal, pede a paz à França. O que se concretiza em Julho de 1795, com o tratado de Basileia, logo seguido pelo de Santo Ildefonso (1796), no qual a Espanha em conjunto com a França, declara guerra à Inglaterra.

O que resta do corpo expedicionário português, vê-se obrigado a retirar para a pátria, em condições penosas.

A república francesa, com o apoio da sua nova aliada, a Espanha, amplia a guerra contra a rainha dos mares, a Inglaterra, pelos quatro cantos do mundo.

Portugal, que nunca havia firmado a paz com a república, vê-se agora sob a ameaça de ter de escolher, tal como a Espanha, entre aliar-se à França e romper relações com o Reino Unido, ou, ao invés, aliar-se à Inglaterra e ver-se invadido por uma coligação franco-espanhola, que muito dificilmente poderia vencer.

O príncipe regente, D. João, através de uma política dúbida, joga da melhor maneira possível no tabuleiro geopolítico, com o objectivo de nunca arrastar Portugal para uma guerra directa contra uma das potências mundiais, tinha a consciência que seria, sem dúvida, uma completa catástrofe nacional.

No entanto, o novo herói da república francesa, o conquistador do Egipto e da Itália, o cônsul Bonaparte, que havia tomado o poder através de um golpe de estado, em 1799, pressiona a sua aliada para uma intervenção armada contra Portugal, com o objectivo de tomar Lisboa e fechar o comércio com Londres, estrangulando, desta maneira, a economia inglesa e obrigando a “velha albião” a aceitar as condições de paz do primeiro cônsul da república.

Assim, um exército coligado franco-espanhol, composto por 45 mil homens, é colocado junto a Portugal, que apenas lhe poderia opor 18 mil homens. Em Maio de 1801, as divisões espanholas invadem o Alentejo e, com extrema facilidade, destroem por completo as forças portuguesas que, sem outra alternativa procuram assinar, o mais rapidamente possível, a paz. O que se concretiza em Badajoz, no mês seguinte.

A rapidez com que a guerra decorreu (20 de Maio a 6 de Junho) surpreendeu toda a gente. O valido de Espanha, envia um ramo de laranjas, de Olivença, à rainha de Espanha, como sinal de vitória. A

guerra ficaria a ser conhecida pelo epíteto de: Guerra das Laranjas. Ao saber da paz, sem ter cumprido o seu objectivo principal, tomar Lisboa. Napoleão ficou furioso com seu irmão Luciano e com Godoy, chegando mesmo a solicitar o reinício das hostilidades com Portugal e o avanço das divisões francesas para tomar o Porto. No entanto, tal não veio a acontecer pois, em Março de 1802, a França e a Inglaterra, firmam um tratado de paz em Amiens, que acaba com as hostilidades entre as duas potências, instalando-se a paz geral.

Mas a paz é de pouca duração. Napoleão proclama-se imperador em 1804 e as ambições expansionistas da França continuam a crescer. Uma nova coligação contra a França é formada, em 1805, e a guerra recomeça.

No final do ano, dois importantes acontecimentos irão marcar o futuro da Europa. Napoleão, à frente do “Grande Armée”, derrota as forças coligadas austro-russas, em Austerlitz, na maior vitória da sua longa carreira militar, ao mesmo tempo que o almirante Nelson, destrói por completo a frota franco-espanhola, na Batalha do Cabo de Trafalgar. Napoleão torna-se o senhor da Europa e a Inglaterra a rainha dos mares.



- ▶ Para Napoleão, Portugal deveria ser tratado como um país ocupado. A região norte deveria ser entregue à Casa de Parma (recentemente despojada dos seus domínios em Itália, pelo próprio Napoleão), a região Sul ficaria sob o governo espanhol de Manuel de Godoy e a região centro seria controlada directamente pelo exército francês, até à paz geral.

No ano seguinte, 1806, os exércitos franceses fulminam os prussianos em Iéna, entram em Berlim e derrotam os Russos em Friedland, na Polónia, obrigando o czar Alexandre I a assinar a paz, junto ao rio Tilsit.

Com todos os coligados fora de jogo e a situação na Europa continental controlada, Bonaparte pode então voltar as atenções para a guerra com a Inglaterra. O bloqueio total aos produtos de origem inglesa é instituído desde o Báltico ao Mediterrâneo, devendo todos os países fechar o comércio aos produtos ingleses. Napoleão mais uma vez, põe em prática o seu plano de asfixiar a economia inglesa, através do controlo de Portugal. A vitória final parece estar próxima.

Para tal, conjuntamente com os aliados espanhóis, prepara uma nova ofensiva a Portugal e, através do tratado secreto de Fontainebleau, desmembrar o reino de Portugal em 3 zonas de influência:

Lusitânia Setentrional – O território entre o rio Minho e o rio Douro, tornar-se-ia num principado, governado pelo soberano do extinto reino da Etrúria (então Maria Luísa, filha de Carlos IV de Espanha); Principado dos Algarves – região compreendida ao sul do Tejo, a ser governada por Manuel de Godoy, o Príncipe da Paz, primeiro-ministro de Carlos IV, com o título de rei.

Resto de Portugal – território circunscrito entre o rio Douro e o rio Tejo, região estratégica pelos seus portos, a ser administrada directamente pela França até à paz geral.

O príncipe D. João tenta ainda, desesperadamente, através da diplomacia, convencer Napoleão que iria acatar as suas ordens, mas já era tarde demais. Sob o comando de Andoche Junot, 25 mil franceses entram em Portugal, no final de Novembro de 1807. Junot dirige-se rapidamente para Lisboa, onde entra no dia 30, sendo as cidades do Porto e Setúbal ocupados por três divisões espanholas de apoio. A situação é de tal maneira grave que toda a família real é obrigada a embarcar à pressa, rumo ao Brasil, numa tentativa de não ser capturada.

Desde o princípio que é turbulenta a ocupação franco-espanhola. Apesar de muitos portugueses, tal como o resto da Europa, vacilarem entre os ideais franceses e as duras condições impostas por uma ocupação militar. Junot dissolve o exército português e envia as suas melhores unidades para França, para se juntarem ao “Grand Armée” e impõe pesadas contribuições de guerra.

No entanto, a normal e pacata vida das populações altera-se por completo. Revoltas estalam por todo o país, gerando o caos e a anarquia geral, só contidas a muito custo pelas duras políticas de repressão das autoridades francesas.

Entretanto, Napoleão, com o pretexto de assegurar as comunicações com Junot, reforça, cada vez mais, a presença do exército francês em Espanha. Sob o subterfúgio de resolver a questão entre Carlos IV e Fernando VII, decide prender os dois e enviar o seu irmão, José, para o trono de Espanha. No entanto, a população espanhola reage e revolta-se, a 2 de Maio de 1808, gerando uma onda de choque por toda a Península Ibérica, que deu azo a um levantamento geral de norte a sul, contra o domínio francês.

Em Portugal, as forças espanholas abandonam os seus postos no Porto e em Setúbal e voltam para Espanha para se juntarem à rebelião. Junot, a muito custo, tenta controlar o centro do País e manter abertas as comunicações entre Lisboa e a fronteira. Beja e Évora são pilhadas e incendiadas. Milhares de civis morrem



## Jean Andoche Junot

**BUSSY-LE-GRAND, 23 DE OUTUBRO DE 1771**  
**MONTBARD, 29 DE JULHO DE 1813**

Com o eclodir da Revolução Francesa, alistou-se, dois anos mais tarde, como voluntário no Exército, tornando-se conhecido por “Junot la Tempête” (A Tempestade), devido à sua temeridade. Em 1793, participa no cerco de Toulon, onde viria a conhecer o então jovem Napoleão Bonaparte, tornando-se seu secretário pessoal. Em 1795, distinguindo-se pela sua acção, ao lado de Bonaparte, na repressão à insurreição monárquica do “13 de Vendimiário do ano IV da Revolução” (5 de Outubro), teve a recompensa de levar as bandeiras do inimigo ao Directório, sendo então nomeado coronel. Participou em toda a 1ª campanha de Itália (1796-1797), saindo gravemente ferido na cabeça em Lonato (na actual Lombardia), o que poderá ter provocado alguns distúrbios ao nível mental, causando permanentes transtornos de pensamento e de carácter, que se irão revelar mais tarde. Em Novembro de 1799, já em terras francesas, participa no golpe de estado do “18 Brumário, ano VIII da Revolução” (9 de Novembro) ao lado de Napoleão, que marca o fim do Directório e o início do Consulado. Em consequência disso, é nomeado em 1800, governador da cidade de Paris e promovido, logo no ano seguinte, a general de divisão. Em 1805, é colocado como representante diplomático em Portugal. No final deste ano, volta ao centro da Europa, participando na Batalha de Austerlitz (2 de Dezembro). Em 1807, é escolhido para o comando do “Corpo de Observação da Gironde”. É sob o seu comando que invade Portugal, ocupando a cidade de Lisboa, em 30 de Novembro daquele ano. Torna-se governador-geral de Portugal, ficando com o título de Duque de Abrantes (8 de Março de 1808). Quando as forças britânicas, em Agosto de 1808, chegam a Portugal, Junot, comanda pessoalmente o exército francês na Batalha do Vimeiro (21 de Agosto), onde acaba por perder o confronto com os ingleses, sob o comando de Sir Arthur Wellesley. Em consequência desta derrota, propõe aos ingleses um armistício que permitiu a retirada, em navios ingleses, das forças por si comandadas. Este acordo de retirada, que ficou conhecida como a Convenção de Sintra, foi assinado, entre ambas as partes, em 30 de Agosto de 1808. Em 1810 volta a Portugal, comandando, de novo o 8º corpo do “Exército de Portugal”, chefiado agora pelo marechal André Massena, sendo gravemente ferido. Em 1812, retira-se definitivamente do exército. No ano seguinte, dando já mostras públicas da sua demência, devido às suas complicações comportamentais é reconhecido como um alienado mental, acabando por cometer o suicídio, atirando-se de uma janela.



sobre a dura repressão efectuada pelo exército que supostamente arvoravam a bandeira da liberdade, fraternidade e igualdade. As igrejas são pilhadas, pois Napoleão havia decretado um pesado imposto a Portugal, como contribuição do esforço de guerra. No início de Agosto de 1808, um corpo expedicionário comandado por Arthur Wellesley, desembarca em Lavos e dirige-se para Lisboa, pelas estradas costeiras. Nessa altura, um “exército”, muito mal equipado ou preparado, mas com vontade de combater, comandado por Bernardim Freire, controlava todo o norte do país. Após o desembarque inglês, o exército de voluntários português, acompanha as operações militares, chegando mesmo a juntar alguns dos seus homens ao exército britânico para o desenrolar das acções militares, nesse Agosto de 1808. No Vale de Óbidos, dá-se o primeiro combate, seguido pelo ataque aliado à Roliça e Columbeira, onde as forças anglo-portuguesas obtêm a sua primeira vitória contra a águia imperial. Repetida quatro dias depois, no vale de Toledo, junto à aldeia do Vimeiro, onde o exército de Junot é completamente batido. As negociações de paz conduzem ao fim da primeira invasão francesa.

Portugal, declara formalmente a guerra à França de Napoleão, no final desse ano, e inicia a reorganização do seu exército, sob a égide dos aliados ingleses.

Seguir-se-ão seis longos anos de guerra. O país suportaria duas outras terríveis invasões, que conseguiria deter à custa de imensos sacrifícios. Com um esforço titânico, a nação envolveu-se no conflito, que lhe custou mais de 100 mil vítimas, especialmente civis. A mobilização geral levou às armas toda a população masculina dos 18 aos 40, dividida em 24 regimentos de infantaria de linha, 12 de cavalaria e mais 50 mil homens divididos entre as milícias e as ordenanças, com funções auxiliares. Pela primeira vez, desde os tempos da reconquista, restituiu-se ao clero o direito de utilizar armas e contribuir na luta.

Em 1810, Napoleão envia mais 100 mil homens para a Península. Sessenta e cinco mil são enviados, sob as ordens de Massena, para tomarem Portugal. Durante largos meses, o enorme exército “estaciona” às portas de Lisboa, barrado pelas Linhas de Torres.

Em 1811, Marmont, sob ordens do imperador, tenta ainda, pela última vez, uma invasão a Portugal, mas sem resultados.

Após 1811, o exército anglo-português a que se juntam as forças espanholas, passam à ofensiva. Toma-se de assalto a praça-forte de Badajoz, nesse ano e, em 1812, os franceses retiram em toda a linha após a derrota em Salamanca. Em 1813, o rei José, irmão de Napoleão, é obrigado a fugir de Madrid e perde toda a sua bagagem, pilhada pelas forças portuguesas, na Batalha de Vitória. Em 1814, os aliados invadem o sul da França. Em Abril desse ano, cercado por todos os lados, com combates já nas ruas de Paris, Napoleão abdica e segue para o exílio na ilha de Elba. Os exércitos franceses do sul, comandados por Soult, rendem-se a Wellington.

Nomes como Roliça, Vimeiro, Buçaco, Almeida, Badajoz, Porto, Amarante, Salamanca, Vitória, Fuentes-de-Oñoro, Linhas de Torres, Toulouse, entre outros, irão figurar para sempre na nossa memória colectiva.

A Guerra Peninsular não se resume simplesmente a um conflito bélico devastador para os países peninsulares; é, acima de tudo, um momento de viragem na história. As mudanças ocorridas a nível mental, social e económico criaram profundas alterações a

todos os níveis e abriram o rumo para o liberalismo económico e social; para a criação dos alicerces da democracia.

A nível histórico, é o fim da Idade Moderna e o princípio da Idade Contemporânea, iniciado em França, com a revolução. Nada seria como de antes: uma nova era chegava a Portugal.

## Os Custos da Guerra

A Inglaterra, após os acordos de Novembro de 1808, apoiou o esforço de guerra português com armas, fardas e todo o equipamento necessário. A guerra iria custar a Portugal 45 milhões de cruzados ano, quando as receitas do Estado, apenas chegavam a 12 milhões. A Inglaterra subsidiava-nos com 16 milhões de cruzados e o resto vinha de promissórias. Em troca do apoio financeiro da nossa velha aliada, Portugal abriu os portos do Brasil ao comércio com as nações amigas (diga-se a Inglaterra). A “emancipação” da colónia, iria, uma dezena de anos mais tarde, levar à sua total independência.



▲  
Pistola inglesa – modelo 1796  
**Colecção Frederico Pinto Basto**  
**Fundo Museológico**

▲  
Ofício do general de brigada Jean Thomières a António Amado da Cunha Vasconcelos e Saro, Juiz de Fora da Vila de Óbidos, mandando afixar uns avisos que recebeu do general Delaborde em que lhe comunica haver completa tranquilidade em todo o país.

**Óbidos, 15 de Agosto de 1808**  
**Colecção Frederico Pinto Basto**  
**Fundo Documental**

au quartier Général à Abidos le 15 août 1808.

Monsieur Le Juge,

Je m'empresse de vous envoyer la nouvelle  
que monsieur le Général de Division de La Boëde  
écrit à l'instant de S. E. Monseigneur  
Le Duc D'Angoulême. Je vous prie de m'en  
accuser réception, et de vouloir bien la faire  
convoier à tous les habitants de votre  
arrondissement.

La publicité que vous donnerez à cette  
nouvelle qui assure la tranquillité de votre pays,  
sera pour moi une preuve de plus de votre  
dévouement à l'armée française.

Recevez, Monsieur Le Juge, l'assurance  
de toute ma considération.

Le Général de Brigade.

Thermières

# 17 de Agosto de 1808 - Manhã



Usseira

Columbeira

Roliça

S. Mamede

Thomières  
Brenier

Nightingale

Fane

Bowes

Ferguson

A-da-Go

Cra

Rio Amóia



# Batalha da Roliça

17 de Agosto de 1808

## BELIGERANTES



Reino Unido



Império Francês



Portugal



## COMANDANTES



Arthur Wellesley



Henri Delaborde

## Total de Forças em Confronto

15000 Homens

12 Peças de Artilharia

4500 Homens

5 Peças de Artilharia

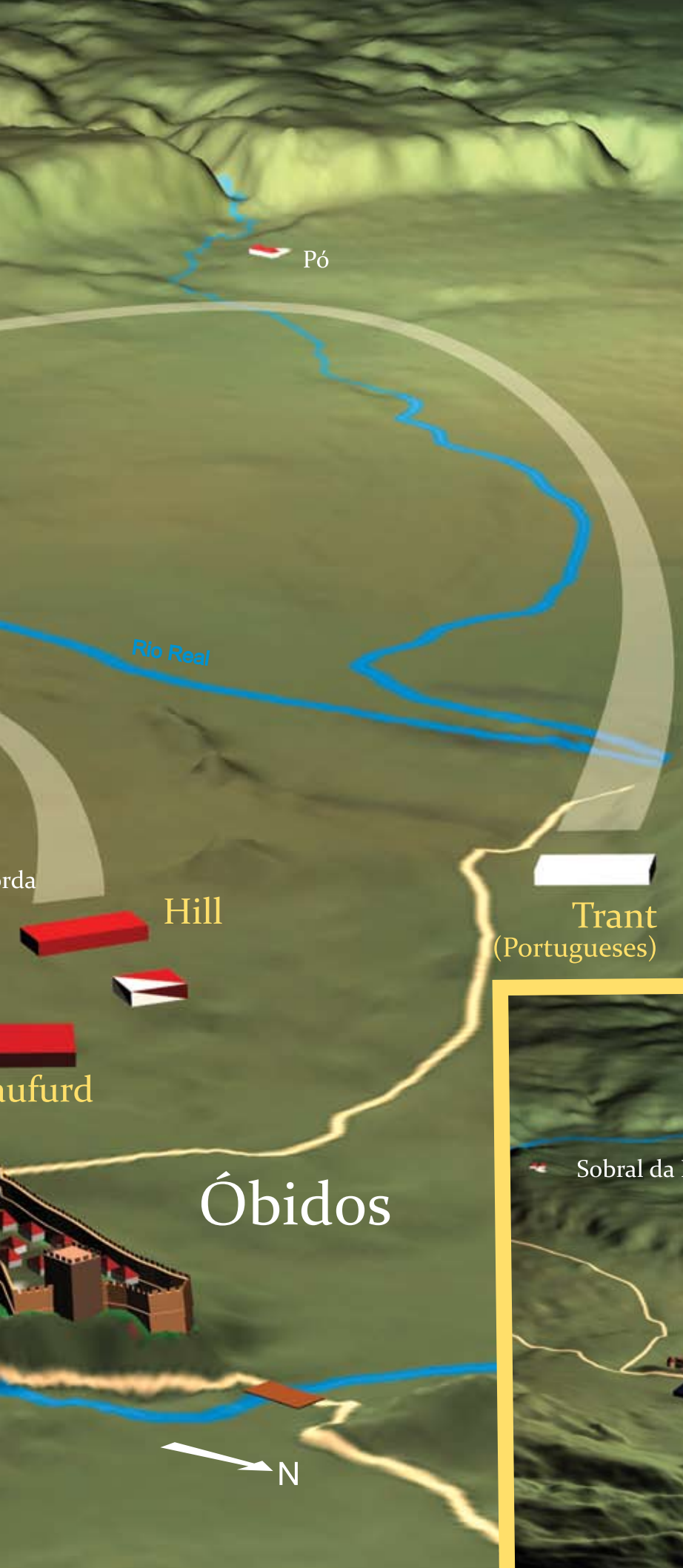
## Baixas em Combate

479 baixas

700 baixas

3 peças artilharia

A Divisão de Loison (4000 homens), por ordens de Junot, não se dirigiu no dia 17 para a Roliça, mas marchou para Torres Vedras. Nunca chegou a participar nos combates desse dia.



# 15 de Agosto de 1808

Sobral da Lagoa

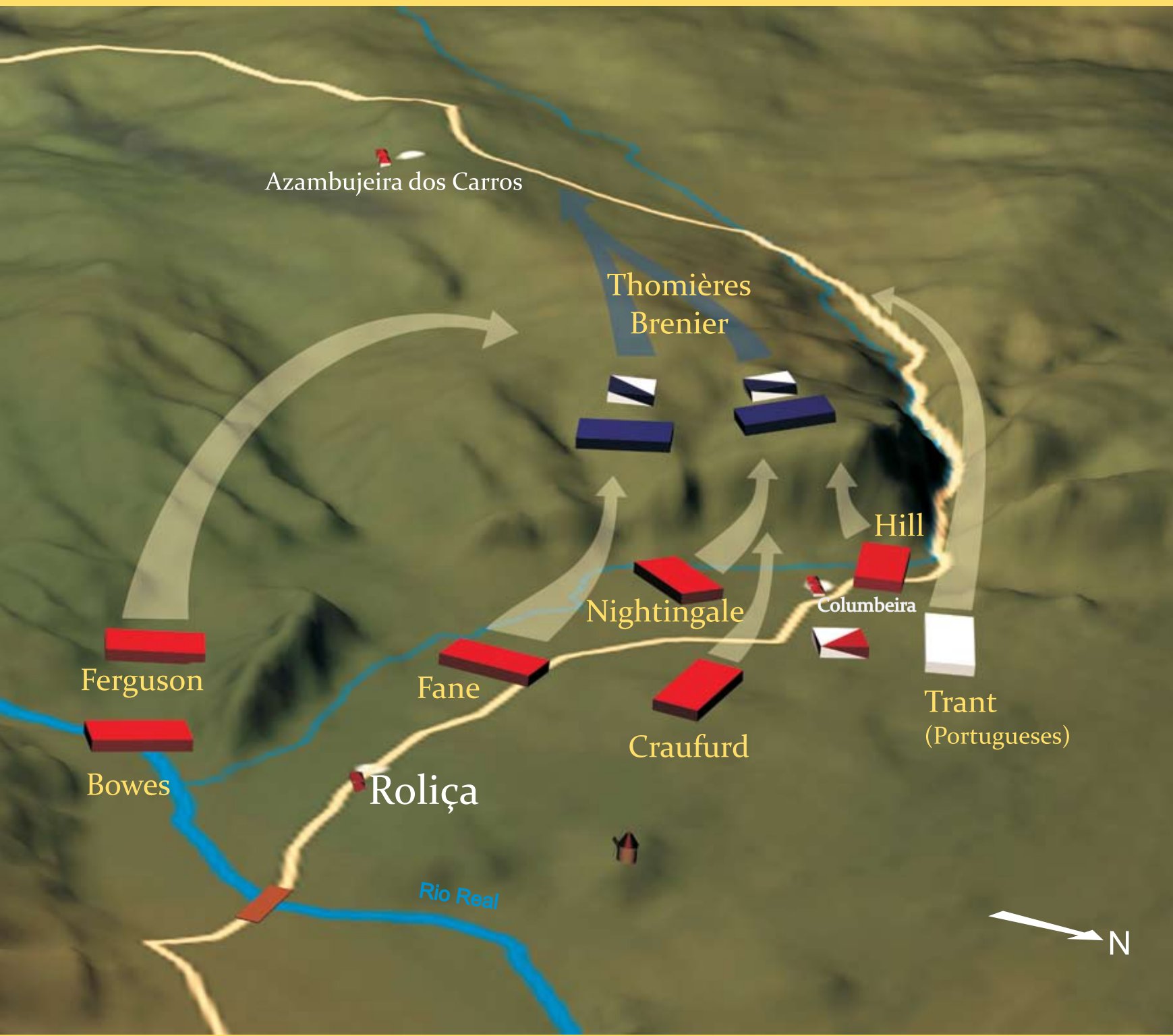
Arelho

Óbidos

Bairro da Senhora da Luz

N

# 17 de Agosto de 1808 - tarde



# Os Combates de Óbidos e a Batalha da Roliça - 15 a 17 de Agosto 1808



▲ Gravura representativa da Batalha da Roliça, Henri L'Evêque, gravado por J. Vendramini, Londres, 1813

No final da Primavera de 1808, toda a Península Ibérica fervilha com revoltas e levantamentos contra a presença massiva dos exércitos de Napoleão Bonaparte. Em Portugal a Suprema Junta do Reino, organiza um numeroso exército, mas pouco eficiente, a norte do país, com o objectivo de marchar contra Lisboa e expulsar os franceses.

A 10 de Junho, o Príncipe Regente, D. João, perante os massacres e pilhagens perpetrados pelos exércitos de Junot, declara oficialmente guerra ao império francês. Com toda a Península em ebulição contra Bonaparte, o governo do Reino Unido, decide actuar e aproveitar a oportunidade de combater Napoleão, na Europa Continental. Em 1 de Agosto de 1808 desembarca em Lavos, Figueira da Foz, um forte contingente militar comandado por Sir Arthur Wellesley, futuro duque de Wellington, com o objectivo de apoiar a revolta portuguesa. Rapidamente as forças britânicas e portuguesas marcham para Sul, em direcção a Lisboa. O primeiro embate entre as tropas britânicas e francesas ocorre a 15 de Agosto de 1808, nos arredores da Vila de Óbidos. Nesse dia, o exército britânico chega às Caldas da Rainha, vindo de Alcobça, onde pernoitara no dia anterior. Wellesley, comandante

em chefe, sabendo da proximidade de importantes forças francesas, envia quatro companhias de atiradores ("Riflemen's") do 60º Regimento e do 95º de atiradores, em direcção a Óbidos, numa missão de reconhecimento, dando ordens concretas para evitarem qualquer confronto com as forças inimigas.

Os franceses, por seu turno, comandados pelo general Delaborde, acompanhavam de perto o avanço britânico. Desde algum tempo que esperavam um momento e um local apropriado para enfrentarem a força expedicionária britânica, apesar de conscientes da sua inferioridade numérica<sup>1</sup>.

É na zona da várzea de Óbidos, coroada a sul pelos altos da Columbeira, soberba posição defensiva, que o experiente general francês encontra o local que há alguns dias procurava. Concentrando toda a sua divisão nesse sector, aí decide barrar o caminho às forças anglo-portuguesas.

Para além do local ser o ideal para "dar batalha", ao recuarem de Óbidos, os franceses, deixariam aberta a estrada para a importante cidadela de Peniche, principal porto e fortaleza a norte da capital. A queda da praça-forte permitiria ao exército britânico garantir um óptimo porto de abrigo para a frota, que controlava por

completo a costa portuguesa e, conseqüentemente, o constante reabastecimento do exército de terra. Era pois imperativo para as forças napoleónicas impedir que tal sucedesse.

Explorando ao máximo as óptimas condições defensivas que o terreno lhe proporcionava, o comandante em chefe da primeira divisão do exército de Portugal, elabora um dispositivo de batalha que permitiria atrasar ao máximo o avanço aliado, dando tempo à Divisão Loison para se juntar à refrega. Equilibrando, com isso, as forças em confronto.

Nesse sentido, encarrega o general Thomières de organizar uma primeira linha defensiva, junto do burgo medieval. Composta por seis companhias de infantaria<sup>2</sup>, incluindo duas de elite pertencentes ao batalhão suíço, a força avançada francesa posiciona-se junto à linha do rio Arnóia, ocupando a Vila. Enquanto o grosso da Divisão tomara posições junto à aldeia da Roliça, uma légua<sup>3</sup> para Sul.

Apesar das advertências de Wellesley, para tomarem todas as precauções necessárias, as companhias de atiradores britânicos entram em contacto com a primeira linha francesa, ocasionalmente, na zona do Bairro da Senhora da Luz, envolvendo-se rapidamente num intenso tiroteio com as forças francesas, com o intuito de as fazer recuar. Numa primeira fase são bem sucedidos e, empolgados pela sua primeira vitória, decidem perseguir os franceses que entretanto recuavam. Avançando perigosamente, os “Riflemen’s” vêem-se debaixo de fogo, cada vez mais intenso, pois a infantaria francesa dispara de todos os lados, incluindo de dentro das vetustas muralhas de Óbidos. Segundo o atirador inglês, Benjamim Harris do 95º Rifles, os ingleses receberam uma autêntica “saraivada” de tiros de mosquete.

Aproveitando o facto de ser uma óptima oportunidade para eliminar os isolados “Riflemen’s”, os franceses realizam um contra-ataque, em força, o que provoca bastantes perdas aos britânicos, que se encontravam agora numa situação extremamente difícil. Vendo o perigo pelo qual passavam os seus homens, Wellesley dá ordens ao major general Spencer, para avançar. Este, à frente da sua brigada, consegue resgatar as fatigadas companhias ligeiras e ocupar Óbidos. Os franceses desistem da Vila e retiram-se para a aldeia da Roliça<sup>4</sup>.

Essa acção permite a Delaborde ganhar dois preciosos dias, antes do ataque britânico e garantir, assim, a chegada de Loison e dos seus homens. No entanto, por ordens de Andoche Junot, o general Loison e toda a sua divisão juntar-se-ia à força principal francesa, que se concentravam já na vila de Torres Vedras. Preparando o combate principal que se adivinhava.

No dia 17, e após terem sido efectuados reconhecimentos de terreno no dia anterior, o comandante em chefe britânico dispõe as suas brigadas ao Sul de Óbidos e avança em direcção das forças francesas, estacionadas junto à aldeia da Roliça. Na esquerda: o general Ferguson, apoiado pela brigada de B. Bowes, avança pelas alturas da Usseira. Ao centro: os brigadeiros Nightingale, Fane e Hill, com a cavalaria, a artilharia e apoiados com os caçadores portugueses, dirigem-se em direcção ao inimigo pela estrada real. À direita: o coronel Nicholas Trant, conduz os 1 200 portugueses, pelo sopé do Sobral da Lagoa, a oeste do rio Real. Apesar de correr o risco de se ver cercado, Delaborde já havia antecipado o plano inglês. Rapidamente, assim que as companhias ligeiras entram em confronto, nas margens do rio

Real, recua a sua divisão do terreno, pela estrada da Roliça, em direcção aos altos da Columbeira, escapando assim à manobra envolvente.

Wellesley, vendo gorados todos os preparativos realizados pela manhã, reinicia o ataque, pondo de novo em prática o plano inicial, concentrando toda a artilharia no monte sobranceiro à aldeia da Roliça. Os canhões britânicos disparam, para além dos obuses sólidos, as novas granadas - as “Shrapnells” -, cravejando as alturas de estilhaços e fogo. Ao mesmo tempo, o coronel George Lake, à frente dos seus homens, ataca intrepidamente a posição francesa, através de uma das ravinas, o que lhe causaria a morte e pesadas baixas no seu regimento.

Com a pressão a aumentar e apesar da bravura das forças francesas, os ingleses tomam de assalto os altos da Columbeira. O veterano Delaborde, perante a enorme desvantagem numérica, e sempre esperando a chegada de reforços, é obrigado a recuar em direcção a Lisboa. De início ordeira e protegida por cargas controladas dos esquadrões de dragões a cavalo, a retirada da divisão Delaborde torna-se caótica na passagem pela Zambujeira dos Carros, perdendo-se boa parte da artilharia e bagagem. O general francês, já no cabeço de Montachique, perto de Loures, recebe ordens de Junot, para se juntar à força principal francesa em Torres Vedras.

A 21 de Agosto com todo o exército francês concentrado em Torres, Andoche Junot, desencadeia uma enorme ofensiva contra o exército de Wellesley, junto à aldeia do Vimeiro, enquanto os britânicos recebiam reforços. O ataque redundou num enorme fracasso para as forças imperiais, tendo os franceses sofrido um elevado número de mortos e feridos.

Alguns dias mais tarde, assinava-se a controversa Convenção de Sintra, na qual as forças francesas abandonariam Portugal, nos barcos da Royal Navy, levando o produto de meses de saque. Napoleão, no entanto, preparava já um exército de 150 mil homens, comandados por ele próprio, para se juntar aos 100 mil de Joachim Murat, que já ocupavam a Espanha, tentando assegurar o trono de José, seu irmão, para resolver, de uma vez por todas, a questão Ibérica.

## Epílogo

Os combates em torno de Óbidos e a Batalha da Roliça, marcam o início da Guerra Peninsular. Para Napoleão, principia a “úlceras espanhola”, que consumirá exércitos atrás de exércitos, até à sua derrota final. A grande vencedora do conflito, a Grã-Bretanha, será a maior potência mundial do séc. XIX.

- 1 As forças anglo-portuguesas rondavam os 15 000, enquanto os franceses seriam à volta de 4500 homens.
- 2 Aproximadamente 700 homens.
- 3 5 km.
- 4 Segundo Charles Oman, a escaramuça terá custado aos ingleses 27 homens, entre mortos e feridos, sendo o número de baixas francesas completamente desconhecidas.

# A Legião Portuguesa ao serviço de Napoleão

Uma das primeiras medidas tomadas por Junot, quando ocupa Lisboa, em Novembro de 1807, é o desmantelamento do Exército Português. No entanto, e sob ordem do próprio imperador, o futuro Duque de Abrantes reúne os melhores soldados do exército luso e reorganiza-os num contingente que se denominaria Legião Portuguesa, composto por 6 mil homens.

A Legião, comandada pelo Marquês de Alorna, e no qual participam oficiais como Gomes Freire de Andrade e Manuel Inácio Pamplona, é rapidamente enviada para França e integrada na “Grande Armée” do Imperador. Apesar de algumas deserções pelo caminho, o contingente luso chega a Paris onde é recebido pelo próprio Napoleão.

Em 1809, com o recomeço da guerra a Leste, com a Áustria, a Legião Portuguesa distinguiu-se em Wagram, integrada no II Corpo de Oudinot (3ª divisão do general Grandjean), no ataque a Baumersdorf. O próprio Napoleão reconheceu o valor dos soldados portugueses.

Em 1812, a Legião é integrada no fabuloso exército que Napoleão organizara para a invasão da Rússia, distinguindo-se na tomada de Smolensk e na Batalha de Borondino, sob as ordens do marechal Ney (3º corpo de exército), no assalto aos redutos centrais da posição russa. Na batalha a Legião sofreu mais de 500 baixas.

A penosa retirada, após o abandono de Moscovo, por falta de víveres, juntamente com o resto do exército francês, é uma autêntica epopeia sobre o gelo das intermináveis estepes russas. O próprio Marquês de Alorna morre em Koenigsberg e pouco mais de uma centena de portugueses, dos 5 mil que participaram na invasão à Rússia, sobrevivem à dureza da campanha e ao combate com os cossacos, na passagem do rio Beresina.

Extinta em 1814, após a derrota final de Napoleão, os sobreviventes da Legião Portuguesa regressam finalmente ao seu país, após sete longos anos em campanhas por toda a Europa. No entanto, chegam a um país devastado pelos exércitos napoleónicos, que tão brilhantemente haviam servido. Muitos serão perseguidos, proscritos, acusados de traição e mesmo executados. Outros, no entanto, continuaram a promover os ideais liberais e ajudaram a construir o Portugal Constitucional.



▲ Óculo de campanha que pertenceu ao chefe de esquadrão José Pinto de Madureira, da Legião Portuguesa. Pinto de Madureira utilizou-o durante todo o conflito napoleónico, inclusive na famosa invasão da Rússia em 1812.

**Colecção Frederico Pinto Basto**  
**Fundo Museológico**



## George Augustus Frederick Lake

1780

ALTOS DA COLUMBEIRA, 17 DE AGOSTO DE 1808

Perto de Portsmouth, tomou o comando, em 7 de Dezembro de 1807, do 29.º Regimento de Infantaria, partindo em Abril do ano seguinte, em direcção à Península Ibérica, na companhia do general Sir Brent Spencer. Na véspera da Batalha da Roliça um acontecimento veio demonstrar o seu carácter de rigor e de disciplina. Dois soldados, sob o seu comando, ao terem-se embebido nas ruas da Vila de Óbidos, foram levados por ele, a um tribunal militar, sendo açoitados perante a presença dos seus companheiros e punidos exemplarmente, ao não terem a honra de poderem participar na contenda que se iria realizar no dia seguinte. Na manhã de 17 de Agosto, sob o comando de Wellesley, as tropas britânicas, avançam em três colunas, ao encontro do exército francês, comandado por Delaborde. Lake que encabeçava o 29º Regimento, vestiu-se faustosamente para a ocasião, de acordo com os regulamentos militares ingleses. O coronel George Landmann, que participou na batalha, recorda no seu livro, “Recollections of my Military Life”, um curioso diálogo que manteve com ele, relativamente ao seu uniforme, perguntando-lhe, se estava vestido como se fosse ter uma audiência com o rei, ao que ele, sorridente e com um certo ar de dignidade, lhe teria respondido que, se porventura fosse morto naquele dia, ao menos queria morrer como um cavaleiro. Mal sabia ele, que o seu destino nesta batalha seria a morte. O coronel Lake, mandou formar algumas das suas companhias de linha e comandou pessoalmente um ataque isolado em direcção a uma das principais gargantas e caminhos dos altos da Columbeira. Os seus corajosos homens, seguindo o seu também bravo comandante, foram recebidos por um intenso fogo, por parte do inimigo, avançando pelas íngremes escarpas, e transpondo as linhas francesas, que no entanto, disparavam nos dois flancos do regimento, por si comandado. Esta acção de combate provocou imensas baixas no seu regimento. Mesmo, assim, chegou ao alto da ravina da Columbeira, e tentou formar os seus homens frente a uma surpreendida linha do 4º Regimento suíço, que não conseguindo oferecer resistência, desertou para o lado do seu regimento. Porém, vendo-se na contingência de ficarem cercados, as forças francesas, sob o comando do general de brigada Brenier, efectuam um contra-ataque sobre a retaguarda direita do 29º regimento, provocando uma intensa luta entre ambos os lados. Esta luta provoca a debandada dos homens do 29º, além de o aprisionamento de 34 soldados, entre os quais 6 oficiais e a morte de cerca de 50 homens, incluindo o do seu próprio comandante, o valoroso coronel Lake. Este ficou eternamente sepultado no local onde pereceu gloriosamente em combate. O seu túmulo é local de visita obrigatória, para muitos investigadores e simples turistas que visitam os altos da Columbeira.



# A Colecção da Guerra Peninsular de Frederico



Frederico Pinto Basto  
 (1872-1939)

A *Colecção Frederico Pinto Basto* teve origem, numa rara conjugação de factores. Por um lado, todo o acervo da família Pinheiro, “*Senhores das Gaeiras*”, desde finais do século XVIII, que sob a égide do Dr. António Gomes da Silva Pinheiro, Provedor do Real Hospital das Caldas, participante activo na Guerra Peninsular e durante as lutas liberais, conseguiu reunir um fabuloso espólio documental, bibliográfico e peças raras do início do século XIX. Por outro lado, o interesse de Frederico Pinto Basto (que tinha casado em segundas núpcias com uma das descendentes dessa família, de seu nome Emília Garrido Pinheiro), motivado pelos estreitos laços familiares que mantinha com a Inglaterra, já que sua mãe, D. Lucy Custance, era descendente de um oficial britânico

que participou no conflito peninsular. Tal facto despertou nele um interesse pela temática em causa e pela história do século XIX, comum aos dois países, o que o levou a preservar esse legado. Tendo compreendido a importância do espólio quer a nível da história local, quer para a compreensão dos factos ocorridos em Portugal, no início do século XIX.

Durante a década de 30, procurou aumentar esse acervo, através de aquisições, quer em Portugal, quer no estrangeiro, reunindo uma colecção única sobre a temática.

Óbidos, sendo o local onde ocorreram os primeiros tiros da mais dura luta travada por Portugal, estava assim fadada para ser o local ideal para um museu sobre a temática.

O Museu, criado por ele, na sua própria casa, atraiu imensos visitantes, nacionais e estrangeiros, que se interessavam pelo tema em questão, sendo referenciado como um dos locais a visitar na região, para quem quisesse compreender um pouco mais da História de Portugal, nos turbulentos inícios do século XIX.

Acabando por falecer, decorria o ano de 1939, só alguns anos mais tarde, por volta de 1961, os seus descendentes, personificados na pessoa do seu filho José Ferreira Pinto Basto, resolveram doar à Câmara Municipal de Óbidos o acervo existente, com o intuito de se instalar um Museu da Guerra Peninsular no burgo obidense.

Contudo, esta ideia não vingou, devido às novas directrizes, que entretanto, foram emanadas para este novo projecto museológico. De Museu da Guerra Peninsular, passou a ser apenas Museu Municipal, transferindo-se do seu espólio riquíssimo, apenas algumas peças de armaria, o que veio a impossibilitar uma leitura coerente de um fundo único existente em Portugal.

Esta colecção revela, através dos seus diversos fundos que a constituem, a existência de um precioso material de estudo para quem queira investigar o período compreendido entre o início da Guerra Peninsular e a Guerra Civil Portuguesa no século XIX.

O Fundo Bibliográfico é um dos *ex-libris* da Colecção, pois

encontramos títulos especializados e raros da época em estudo (primeiras, segundas e terceiras edições), abarcando essencialmente o estudo da história político-militar dos inícios do século XIX.

Salienta-se também a existência de raras obras da história das ideias e mentalidades, antes e pós Revolução Francesa (obras de Jean Jacques Rousseau, Condorcet, Condillac, Montesquieu, Voltaire, etc.), espólio importantíssimo para compreender a sociedade em que o objecto em estudo se enquadra.

O acervo documental proporciona-nos igualmente uma viagem no tempo histórico. Aqui estão retratados 34 anos da História de Portugal, encontrando-se documentação original da época das Invasões Francesas, Cartas Régias de D. João VI, D. Carlota Joaquina e de D. Miguel e documentação que retrata a vida político-social da família Pinheiro, os donos originais da *Casa das Gaeiras*, representados pelos seus dois expoentes máximos, o Dr. António Gomes da Silva Pinheiro e de seu filho o Dr. Adriano Gomes da Silva Pinheiro, personagens estas, que viveram e participaram activamente, tanto nos acontecimentos das Invasões, como na Guerra Civil que posteriormente veio a eclodir no nosso país.



# Pinto Basto

O espólio museológico, a par do bibliográfico e do documental, é uma das mais valias desta colecção, pois encontramos as mais variadas peças que podemos imaginar relacionadas com a temática em causa. Para além das raras peças de armaria, que ilustram, de uma maneira ímpar, o período conturbado das invasões francesas e lutas liberais, a colecção é composta por dezenas de objectos de uso quotidiano e peças únicas de uniformes e acessórios que abrem uma verdadeira janela para a compreensão da sociedade portuguesa dos inícios do século XIX e para as transformações por ela sofrida a vários níveis, estimulando assim, uma voraz curiosidade a quem o possa visitar. Também o fundo iconográfico, representa um importante acervo. Personagens, cenas de batalhas da Guerra Peninsular e outros acontecimentos, são retratados em gravuras e aguarelas de boa qualidade.

No fundo cartográfico, verificamos a existência de mapas originais da época em estudo, verdadeiras preciosidades, e que são essenciais para o estudo a nível pedagógico no enquadramento dos acontecimentos verificados na Península Ibérica.

A fotografia é um excelente meio de estudo para perspectivarmos no presente locais em que outrora se verificaram determinados factos ou acontecimentos. Também a colecção Pinto Basto nos possibilita visualizar através do seu magnífico acervo, locais da região onde se verificaram factos que mudaram o curso da história da Guerra Peninsular.

Finalmente o espólio referente à correspondência, insere-se essencialmente no período da década de 30 do século XX, na qual se verificou uma troca de correspondência entre Frederico Pinto Basto e diversas entidades nacionais e estrangeiras, com o intuito de enriquecer a sua Colecção privada na compra de algumas peças de armaria e obras relacionadas com a Guerra Peninsular. Encontramos também correspondência pedindo informações sobre alguns aspectos interessantes ao nível da armaria e outros acontecimentos de cariz histórico que estiveram relacionados com a temática em estudo. Este fundo revela ainda o historial do Museu que funcionou na *Casa das Gaeiras*.



- ▶ Caixa metálica com a esfinge do Duque de Wellington, comemorativa das vitórias da Roliça e Vimeiro.

**Colecção Frederico Pinto Basto**  
**Fundo Museológico**

- ▶ Chapa de Talabarte - Guerra Peninsular

**Colecção Frederico Pinto Basto**  
**Fundo Museológico**



## Louis Henri Loison

**DAMVILLERS, 16 DE MAIO DE 1771**  
**CHIKEL, 30 DE NOVEMBRO DE 1816**

Dele se dizia que não tinha elevação de carácter, nem tão pouco humanidade para com aqueles que derrotava no campo de batalha. Ajudando, o então general Bonaparte, na repressão à insurreição monárquica de “13 de Vendimiário do ano IV da Revolução” (5 de Outubro de 1795), ficou encarregue de presidir ao Conselho de Guerra que julgou e condenou os cabecilhas da insurreição. Nos inícios do ano de 1806, algo de trágico acontece na sua vida: perde o braço esquerdo num acidente de caça (devido a este facto, mais tarde, a população portuguesa atribuiu-lhe a alcunha de “O Maneta”). Em finais do ano de 1807, é nomeado comandante da 2ª divisão do “Corpo de Observação da Gironda”. Entra em Portugal em Novembro desse ano, substituindo o general Laroche. Chega à capital portuguesa, nos inícios de Dezembro, sendo de imediato enviado para norte de Lisboa. Entre Maio e Junho de 1808, é encarregado de realizar determinadas expedições punitivas, contra as populações insurrectas do norte de Portugal e do Alentejo, criando mesmo um verdadeiro clima de terror, tornando-se famoso, pela sua crueldade. Em 17 de Junho daquele ano, estando na cidade fortificada de Almeida ficou encarregado de ocupar a cidade do Porto, mas será derrotado pelas milícias e voluntários das ordenanças de Trás-os-Montes, em Mesão Frio, chefiados pelo general Silveira. De regresso a Lisboa, é enviado, logo de seguida para o Alentejo, dispersando diversas milícias portuguesas na região de Évora, que o impediram de chegar a tempo para ajudar o general Delaborde na Batalha da Roliça (17 de Agosto de 1808). Participa ainda na derrota francesa na Batalha do Vimeiro (21 de Agosto de 1808), abandonando, em seguida, o território luso. Após a Batalha da Corunha (16 de Janeiro de 1809), entra de novo em Portugal, reforçando o corpo do exército, chefiado pelo marechal Soult. Tem ordens para ocupar a região de Trás-os-Montes e proteger, assim, o flanco esquerdo do exército francês. Contudo, não consegue manter a linha do rio Tâmega, no embate que trava, novamente, com o general Silveira, na ponte de Amarante. Obrigado a recuar para a cidade de Guimarães, recebe ordens para retirar o corpo, por si comandado, pelo norte de Trás-os-Montes. Em 1810, pela terceira vez volta a Portugal, comandando uma divisão do 6º corpo do exército que, sob as ordens do marechal Ney, integra o chamado “Exército de Portugal”. Participa, em 27 de Setembro desse ano, na Batalha do Buçaco, onde a sua divisão é travada na subida íngreme da Serra com o mesmo nome. Mais uma vez, sai derrotado de Portugal, ficando com o comando do 6º corpo, durante a retirada francesa, devido ao facto de Ney ter sido demitido por Massena. Com o fim do império napoleónico, é reformado compulsivamente, em 15 de Novembro de 1815, indo viver o resto dos seus dias para as suas propriedades, em Chikel (actual Bélgica).



# Como uma família obidense abasteceu o exército português em 1808

Decorria o cerco francês de Almeida, comandado por Massena, na sequência da terceira invasão (1810-1811) quando, em Óbidos, o juiz dos *orphaons Auzentes e Dementes*, Filipe de Freitas e Paiva, deu início ao processo de inventário por falecimento de “*Joam António Vieira e Donna Thereza Angélica da Silveira*”, residentes na vila<sup>1</sup>.

Proprietário e mercador estabelecido na vila de Óbidos, onde comerciava os mais variados produtos (ferragens, madeiras, tecidos, mercearias, cereais), parece ter sido também industrial de curtumes atendendo a que na Quinta da Pegada, herdada pela mulher, existia à época, segundo o referido inventário um enxugo de fábrica (zona para secagem de peles) e alguns pelomes (tanques para a curtimentagem de peles). Era natural de Alcanhões, termo de Santarém, segundo informa o irmão e herdeiro, “Braz Joaquim de Santa Anna”.

A mulher, Dona Teresa, nascera em Óbidos, na freguesia de São Pedro, a vinte e dois de Março de 1772, era filha de D. Maria da Conceição Dinis Malhão e do Dr. Agostinho Gomes da Silveira. Tendo o casal falecido sem filhos e havendo sobrinhos menores, filhos do Dr. Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão, entre os quais o célebre padre Malhão, é efectuado um inventário de partilhas.

Os defuntos eram proprietários de quatro moradas de casas sobradadas (ou seja com primeiro andar) na Rua Direita e uma no Arrabalde. Anexas às casas, encontramos pocilgas, quintais, um forno, um poço e um lagar.

Nos arredores da vila possuíam ainda a Quinta da Pegada e outra, foreira ao colégio de São João Evangelista de Lisboa “*que consta de casa currais palheiros e terra de pam com seus mattos e Arvores de fruto no sitio onde chamam a Capeleira*”<sup>2</sup> que pertencera, anteriormente, à pintora Josefa de Óbidos.

Como cabeça de casal do inventário é nomeado um dos irmãos e herdeiros da falecida, “Felecianno Gomes da Silveira Malham” que, à data, residia na Quinta da Pegada, constituída por “*Cazas de sobrado com seo Patio, Curral e Enchugo de Fabrica com seus p'lomes velhos, tanques d'agua, terra de Pam, vinha e pomar e Arvores*”<sup>3</sup>.

Como era habitual, a par dos bens imóveis e móveis dados para inventário, são também declaradas as dívidas activas, ou seja aquelas que são devidas aos falecidos, e as passivas.

Quanto às dívidas passivas, o monte, ou seja a família, devia a várias casas comerciais de Lisboa, mercadorias compradas para as lojas de Óbidos.

Relativamente às dívidas activas, o inventário apresenta-as divididas em dois grupos, sendo o primeiro relativo a dívidas contraídas nas lojas do casal ou relativas a rendas.

O segundo grupo de dívidas, e aquele que nos suscitou mais interesse, está directamente relacionado com os acontecimentos bélicos vividos na região de Óbidos, em Agosto de 1808: um conjunto de vales de dívida, assinados por altas patentes do exército português, entre os dias vinte e sete de Agosto, relativos a viveres e outros bens e que passamos a transcrever: *Obidos vinte e hum de Agosto de mil oito Centos e oito = Estado Maior da segunda divizam valle nove rasoins de Cevada para as*



▲ Gravura da Fonte da Quinta da Pegada (Óbidos)  
Arquivo Histórico Municipal de Óbidos





## Arthur Colley Wellesley 1.º Duque de Wellington

DUBLIN, MORNINGTON HOUSE, 1 DE MAIO DE 1769  
KENT, CASTELO DE WALMER, 14 DE SETEMBRO DE 1852

O ano de 1808 marca a sua entrada em Portugal. É da vila de Óbidos, que a 17 de Agosto, parte para a sua primeira vitória em solo português, derrotando as forças francesas, sob o comando do marechal Delaborde, na Batalha da Roliça, conseguindo, dias mais tarde, em 21 de Agosto, na Batalha do Vimeiro, desbaratar, novamente as tropas francesas, agora sob a chefia do seu comandante geral, o general Junot. Em Abril de 1809, foi novamente chamado para ser comandante em chefe de todas as forças anglo-portuguesas, substituindo nessa função, o general Sir John Moore, que tinha falecido na Batalha da Corunha (16 de Janeiro de 1809). Assim, perseguindo as tropas francesas, sob as ordens do marechal Soult, ruma em direcção à cidade portuguesa do Porto, e num golpe de mão consegue surpreendentemente atravessar o rio Douro, obrigando as forças francesas a retirar para o norte da Península. No comando do exército anglo-português, em 1810, repele mais uma invasão francesa do território, derrotando-os, de novo, agora na Batalha do Buçaco (27 de Setembro). Após a batalha, Wellington, retirou o seu exército em direcção a Lisboa, para trás do sistema que havia mandado erigir para defesa da capital portuguesa (Linhas de Torres Vedras). Este seu plano impediu que as tropas francesas, comandadas pelo marechal André Massena conseguissem conquistar a península de Lisboa. Estas, após seis meses, incapazes de tomar de assalto as Linhas de Torres e de se abastecerem, retiram-se definitivamente de Portugal, em Março de 1811. Em Maio daquele ano, é nomeado comandante-general de todos os exércitos aliados na Península Ibérica. Com a saída de algumas divisões francesas, que se encontravam na Península, para irem ajudar na desastrosa campanha da Rússia, Wellington executa o contra ataque final em Espanha, que culminou na Batalha de Vitória (21 de Junho de 1813). Este confronto significou a vitória das forças britânicas, espanholas e portuguesas sobre o exército francês, sob o comando geral de José Bonaparte, provocando a saída definitiva destes do território espanhol. No final desta batalha, é promovido a marechal-de-campo. Aclamado como herói e libertador, recebe o título de Duque de Wellington. Em 20 de Março de 1815, Napoleão Bonaparte regressa do seu exílio forçado e é recebido em glória em Paris. Wellington, sabendo do sucedido, volta a comandar, novamente, as forças britânicas, que se juntam aos seus aliados. Vencendo o único confronto com Napoleão na Batalha de Waterloo (18 de Junho), significou o fim definitivo do imperialismo napoleónico. Pessoalmente, esta vitória reafirmou o seu prestígio militar em toda a Europa.

*bestas da vagagem || Com sua forma = Quartel Mestre = Foi milho = Obidos vinte de Agosto de mil oitocentos e oito = Valle por huma rasam de sevada = foi milho = Vieira da Silva || Ajudante de Ordens = Voluntarios de Coimbra, Valle este nove Rasoens de sevada Obidos vinte de Agosto de mil oito Centos e oito || Joze Jerónimo = Foi milho = Obidos vinte de Agosto de mil oito Centos e oito, Para a Companhia de Academicos Voluntarios, Valle este trinta rasoens de milho para a sobredita = Lourenço Joze de Andrade, Furriel = Ao Senhor Joam Antonio Vieira, Seis arrateis de ferro para o serviço da Tropa Portuguesa vinte e sete de Agosto = Leitam = Ao Senhor Joam Antonio Vieira, Entregue ao ferreiro Manoel Joze nove arrateis de ferro para o serviço da Tropa Portuguesa Obidos vinte e sete de Agosto de mil oito Centos e oito = Leitam = Obidos vinte de Agosto de mil oitocentos = Estado Maior Vale dez rasoins de milho para as cavalgaduras do Excellentissimo Senhor General = Manoel Antonio Sargento Cabo de ordens = Manoel Ferreira Sargento Ajudante do Campo = Obidos de Agosto de mil oito Centos e oito Valle este por Doze rasoens de sevada para os cavallos dos Guardas do Exercito de que he Cappitam Manoel da Silva Cardozo = Foi milho = Brigada das Companhias de granadeiros de Vallença e Chaves Valle este hum Alqueire de Sal Obidos vinte hum de Agosto de mil oito Centos e oito = Antonio Joaquim Alves = Guarda Real da Policia Primeira Companhia de Cavallaria Valle para a quantia de vinte rasoins Obidos vinte de Agosto de mil oito Centos e oito = António Luis Monteiro, Furreil = Recebi Milho = Regemento de Infantaria de Linha, Dia vinte e hum de Agosto de mil oito Centos e oito Valle este quatrocentos e cesenta rasoens de sal = Antonio Barboza da Fonceca Furriel = Corpo de Artilharia Valle este honze Rasoins de Palha e Sevada para municiar as Bestas que conduzem o Estado Maior Obidos vinte de Agosto de mil oito Centos e oito || declaro que he milho = Airis Pinto de Souza, Manjor Commandante de Artilharia = Obidos vinte de Agosto de mil oito Centos e oito, Estado Maior de Segunda Divizam Valle para os Cavallos do Senhor Commandante de Divizam Seis rasoins de Milho para os do Ajudante General quatro, Para as do Ajudante de Ordens tres, Para os de duas Ordenanssas do Esquadram de prassa duas, Sam quinze rassoens de Milho = Lacerda Silveira Ajudante General.<sup>4</sup> Os vales de dívidas acima transcritos confirmam a chegada a Óbidos, a vinte de Agosto, do grosso do exército português (entre cinco a seis mil homens), comandado pelo general Bernardim Freire de Andrade e a sua permanência até ao dia vinte sete, reportando-se sobretudo a rações para os cavalos, a sal e a ferro para a ferragem dos animais ao serviço do exército. Em jeito de conclusão é curioso referir que, dois anos depois de serem passados, tais abastecimentos continuavam por saldar, atendendo a que se continuava em estado de guerra.*

<sup>1</sup> Ver Arquivo Histórico Municipal de Óbidos, *Juízo de Órfãos e Expostos do Concelho de Óbidos, Processo de João António Vieira e de Teresa Angélica da Silveira*, n.º 3884, OBI 272.

<sup>2</sup> Ver Idem, ibidem, fl. 17.

<sup>3</sup> Ver Idem, ibidem, fls. 17 e verso.

<sup>4</sup> Ver Idem, ibidem, fls. 84v a 86.



# Napoleão segundo a pena de um obidense

Personagem histórica de primeira grandeza, Napoleão Bonaparte suscitou tantos ódios como paixões que inspiraram artistas de toda a Europa.

Junto dos que defendiam os ideais da revolução francesa, ele era o libertador, como pudemos ver, nesta revista, pelo poema de Bocage. Para outros, no entanto, era o tirano que, pela força das armas, anexava ao império francês territórios até aí independentes. Exemplificativos desta última visão são dois poemas escritos por João Monteiro Malhão. Nascido em Óbidos em 1725, formou-se em Coimbra após o que regressou à vila onde veio a

desempenhar diversos cargos concelhios, como o de Vereador e Almotacé, tendo sido nomeado capitão de uma das companhias de ordenanças, a 19 de Junho de 1762<sup>1</sup>.

Não estando os poemas datados, podemos, no entanto, através da sua leitura, tentar relacioná-los com os factos históricos conhecidos: a “Prophecia a Napoleão I”, poderá ter sido escrita nas vésperas da primeira invasão, tendo em conta o teor da última estrofe, enquanto o segundo poema poderá ter sido já escrito, após as primeiras derrotas do exército francês em Portugal, precisamente na zona de Óbidos.

## **Prophecia a Napoleão I<sup>2</sup>**

*Monstro pelo Averno vomitado!  
Flagelo cruel da humanidade!  
Tyranno, usurpador da nossa idade,  
Que tudo o que há mais santo tens calcado!*

*Tua cega ambição tem affrontado  
A Divina e Eterna Magestade!  
A caterva mais vil da impiedade  
Esse Throno te ergueu que tens roubado!*

*Queres ser como Deus Omnipotente?  
E em tudo hombriar com o Ser Divino?  
Viu-se orgulho mais louco e insolente?!*

*Tens da razão e fé, perdido o tino?  
Se intentas opprimir a Luza gente  
Tua queda fatal eu vaticino.*

## **A Napoleão I<sup>3</sup>**

*Oh! Vil Napoleão, soberbo, estulto!  
Que horror nos não fará tua memoria!  
Tens, ó monstro, por timbre e por vangloria,  
O roubo das Nações, dos Reis o insulto!*

*Alexandre, fez no mundo enorme vulto;  
Encheu Cezar, as paginas da Historia!  
Mas de Tito inda foi maior a gloria,  
Porque a Paz lhe grangeou eterno culto.*

*Oh furioso Mavorte! Acceso em guerra!  
O Ceo apresse já o teu castigo,  
Respire a doce Paz por toda a terra.*

*Acabe dos mortaes duro inimigo.  
Lá grita a voz do Eterno, o Trovão berra:  
- Á Lizia virás ter, o teu jazigo! -*



<sup>1</sup> Ver Arquivo Histórico Municipal de Óbidos, *Livros de Registos da Câmara (Leis Ordens e Alvarás)*, lv.16, fls. 99v e 100

<sup>2</sup> Ver Arquivo Histórico Municipal de Óbidos, *Michórdia*, Coordenada por António Theodoro Martins Corrêa, Lisboa, 30 de Agosto de 1890, p. 12.

<sup>3</sup> Idem, ibidem, p.15.



▲ Roliça e Altos da Columbeira - local onde se desenrolaram os combates de 17 de Agosto de 1808

## Visita aos locais Históricos

A visita aos locais históricos onde ocorreram os combates de 15 e 17 de Agosto de 1808, é, para além de um passeio histórico e cultural, uma ótima oportunidade de contacto com a natureza e de desfrutar a beleza paisagística que este tipo de roteiro poderá proporcionar. Comece pela aldeia do Bairro da Senhora da Luz. A localidade situa-se entre Caldas da Rainha e Óbidos e remonta, provavelmente à Idade Média. No local mais elevado, em especial junto ao moinho, poderá observar a cidade das Caldas, bem como compreender a importância do local, como nó viário e ponto estratégico, para o desenrolar do início dos combates do dia 15.

Neste local pode ainda visitar a Capela de Evocação a Nossa Senhora da Luz, construída nos inícios do século XVIII. Seguindo depois para Óbidos, desfrute de um agradável passeio à Cerca e ao adarve, de uma beleza ímpar. Apesar das alterações sofridas com os restauros dos anos cinquenta, a muralha de Óbidos mantém o mesmo desenho medieval e praticamente a mesma estrutura defensiva, que apresentava na altura dos combates em 1808. Não esqueça uma visita à Torre do Facho, onde existe uma brecha, que serviu para colocar uma peça de artilharia para proteger a Vila, de forças atacantes que se aproximassem de sul, pela Estrada Real. A brecha terá sido feita, em 1810, pelo destacamento aqui colocado por Sir Arthur Wellesley, durante a invasão de Massena.

De seguida, aconselhamos uma visita ao Moinho do Facho, posto de comando das operações aliadas. Aqui poderá (se munido de um bom mapa da batalha) compreender o modo como Wellington dispôs os seus 15 mil homens no terreno, na manhã do dia 17. Do moinho poderá ver todo o vale, onde se desenvolveram todos os acontecimentos, tal como o Duque de Ferro o viu nessa manhã de Agosto, bem como os locais onde estariam posicionadas as forças francesas do general Delaborde.

Poderá depois seguir o percurso pela antiga Estrada Real, passando a antiga ponte da Pegada em direcção a S. Mamede, seguindo o trajecto que as forças anglo-portuguesas tomaram nesse dia. Se preferir, poderá ainda seguir pela zona da Usseira, seguindo o percurso que Ferguson desenvolveu com a ala esquerda do exército aliado. Pare no lugar da Boavista, onde

poderá desfrutar da fabulosa paisagem sobre o vale e tirar umas magníficas fotografias. Se preferir, parta de Óbidos, passando pela aldeia do Pinhal e o sopé do Sobral da Lagoa, seguindo o trajecto que o Coronel Trant fez com os soldados portugueses, pela zona da Amoreira.

Já no Concelho do Bombarral, logo após a ponte de S. Mamede, vire à direita, antes de entrar na localidade da Roliça. Aí poderá ver o local onde Delaborde colocou o exército imperial, na sua primeira posição defensiva. Depois siga a estrada em direcção à Columbeira. Poderá, entretanto, visitar a Igreja da Roliça, de origens medievais e o monumento evocativo da batalha. Após passar a Zambujeira dos Carros, termine o passeio nos Altos da Columbeira, onde poderá visitar o túmulo do Coronel Lake e deixe-se maravilhar pela espectacular paisagem do Alto do Picoto. Aí poderá visualizar toda a várzea e compreender melhor a Batalha da Roliça. Se ainda tiver tempo, poderá visitar a Quinta de Vila Viçosa, ao Sul da Zambujeira, onde terá pernoitado Wellington, na noite de 17 para 18.

Bom Passeio.



▲ Bairro da Senhora da Luz - local dos primeiros confrontos entre as forças inglesas e francesas em 15 de Agosto de 1808



Pormenor do Monumento aos  
Heróis da Guerra Peninsular,  
Entrecampos (Lisboa)

# Cronologia

## 1789

- 14 JUL. Tomada do Forte-Prisão da Bastilha marca o início da Revolução Francesa.
- 26 AGO. A Assembleia Nacional Constituinte Francesa aprova a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.

## 1793

- 21 Janeiro Execução na guilhotina do rei Luís XVI.
- 1793-1795 Guerra do Rossilhão. Primeira Coligação, liderada pela Grã-Bretanha, incluindo Portugal e Espanha, contra a França Revolucionária.

## 1795

- 22 JUL. Tratado de Basileia, assinado entre a França e a Espanha que marca o fim da Guerra do Rossilhão.

## 1796

- 18 AGO. Tratado de Santo Ildefonso. Acordo bilateral entre a França e a Espanha, com o objectivo de defesa e ataque mútuo contra a Grã-Bretanha.

## 1797

- 17 OUT. Tratado de Campo-Formio, celebrado entre franceses e austríacos, que põem termo à primeira coligação contra a França revolucionária.

## 1798

- MAI. Início da expedição militar francesa rumo ao Egipto. Esta campanha durará até ao ano de 1801.

## 1799

- 9 NOV. Golpe de Estado de Napoleão Bonaparte (18 de Brumário no calendário republicano francês), pondo fim ao governo do Directório.
- 24 DEZ. Início do Consulado de Napoleão Bonaparte.

## 1801

- 20 MAI. Início da Guerra das Laranjas. Conflito militar oposto Portugal a Espanha.
- 6 JUN. Tratado de Badajoz. Acordo

que colocou fim à Guerra das Laranjas.

## 1802

- 27 MAR. Paz de Amiens, acordo que marca o fim da Segunda Coligação contra a França.

## 1803

- MAI. Formação da Terceira Coligação contra a França.

## 1804

- 2 DEZ. Coroação de Napoleão Bonaparte como Imperador de França.

## 1805

- 21 OUT. Batalha de Trafalgar. Vitória naval inglesa sobre a frota francesa.
- 2 DEZ. Batalha de Austerlitz. As tropas napoleónicas derrotam uma coligação militar austro-russa.

## 1806

- 14 OUT. Batalha de Iéna. Vitória francesa sobre o exército prussiano. Ocupação de Berlim.
- 21 NOV. Decretos de Berlim. Napoleão ordena o fecho dos portos europeus que tenham relações comerciais com a Grã-Bretanha (Início do Bloqueio Continental).

## 1807

- 14 JUN. Batalha de Friedland. Vitória decisiva das tropas de Napoleão sobre as forças russas.
- 7 a 9 JUL. Tratados de Tilsit. Acordos celebrados com a Rússia e a Prússia pondo fim à quarta coligação contra a França.
- 27 OUT. Tratado de Fontainebleau. Acordo secreto assinado entre a França e a Espanha, com o objectivo de dividir o território português entre eles, após a invasão do país pelas tropas napoleónicas.
- 20 NOV. Início da 1ª Invasão a Portugal. Entrada das tropas francesas em território português, sob o comando do general Andoche Junot.
- 27 NOV. Embarque da Família Real

Portuguesa para o Brasil. As tropas francesas entram na cidade de Lisboa.

## 1808

- 28 JAN. Decreto de Abertura dos Portos às Nações Amigas. Ao chegar ao Brasil, o Príncipe Regente, autoriza a abertura dos portos brasileiros ao comércio com as nações amigas de Portugal.
  - 17 MAR. Motim de Aranjuez. Revolta popular espanhola contra o rei Carlos IV, liderada pelo seu filho, D. Fernando VII.
  - 2 MAI. Início da Guerra da Independência Espanhola. Levantamento da população madrilena contra a ocupação francesa.
  - 10 JUN. No Brasil, D. João declara nulos todos os Tratados de Portugal com a França, declarando ao mesmo tempo, guerra aos franceses e amizade à Grã-Bretanha.
  - 1 AGO. Desembarque das forças britânicas na praia de Lavos, perto da Figueira da Foz.
  - 15 AGO. Primeiros combates entre forças francesas e britânicas, junto ao Moinho do Bairro da Senhora da Luz, perto de Óbidos.
  - 17 AGO. É travado o primeiro confronto da Guerra Peninsular – A Batalha da Roliça, com uma vitória luso-britânica.
  - 21 AGO. Batalha do Vimeiro. Nova vitória das forças aliadas, sob o comando de Sir Arthur Wellesley, sobre as tropas napoleónicas de Junot.
  - 30 AGO. Convenção de Sintra. Acordo entre britânicos e franceses, que põem termo à primeira invasão francesa de Portugal.
  - 3 DEZ. Napoleão Bonaparte recaptura a cidade de Madrid, recolocando, o seu irmão José, no trono espanhol.
- ## 1809
- 16 JAN. Batalha da Corunha. As tropas britânicas são obrigadas, pelas tropas

francesas do marechal Soult, a retirarem-se do campo de batalha, por mar.

MAR. 2ª Invasão a Portugal. O marechal francês Soult, invade o país, entrando pela fronteira portuguesa de Trás-os-Montes e Alto Douro.

24 MAR. Ocupação da cidade do Porto, pelas tropas napoleónicas.

29 MAI. Reconquista da cidade de Porto, pelas forças britânicas, sob as ordens de Sir Arthur Wellesley, obrigando as forças francesas de Soult a retirarem-se para a Galiza.

5 e 6 JUL. Batalha de Wagram. Vitória decisiva das forças francesas sobre as Austríacas.

28 JUL. Batalha de Talavera. Vitória anglo-espanhola, sob o comando de Sir Arthur Wellesley.

14 OUT. Paz de Schönbrunn. Acordo assinado entre a França e Áustria, que pôs fim à Quinta Coligação contra as forças napoleónicas.

## 1810

24 JUL. 3ª Invasão a Portugal. As tropas comandadas pelo marechal André Massena entram em Portugal.

AGO. Conquista francesa da Praça-Forte da Vila portuguesa de Almeida.

27 SET. Batalha do Buçaco. Vitória luso-britânica, sob o comando de Wellesley, sobre as forças francesas.

OUT. O Exército Francês de Massena é travado nas Linhas de Torres Vedras.

NOV. Começo da retirada das tropas napoleónicas de Portugal, que se prolongaria até ao fim de Março do ano seguinte.

## 1811

ABR. As tropas francesas de Massena retiram-se da Praça-Forte de Almeida.

3 a 5 MAI. Batalha de Fuentes de Oñoro. Vitória das forças britânicas de Wellesley sobre as tropas francesas de

Massena, perto da fronteira luso-espanhola.

16 MAI. Batalha de Albuera. Confronto sangrento, entre as forças anglo-espanholas, comandadas, desta vez por Beresford e as forças napoleónicas, comandadas pelo marechal Soult.

## 1812

16 MAR.

a 6 ABR. Assalto à Praça de Badajoz pelas tropas anglo-portuguesas.

19 MAR. Promulgação em Cádiz da Constituição Espanhola.

23 JUN. Início da Campanha da Rússia, por parte do exército francês.

22 JUL. Batalha de Salamanca. Vitória decisiva de Wellesley e suas tropas, que teve como consequências, o seu avanço e tomada da cidade de Madrid, onde foi aclamado pela população como um libertador.

14 SET. Napoleão chega à cidade de Moscovo, depois de vitórias importantes sobre o exército russo.

15 a 18 SET. Incêndio da cidade de Moscovo, obrigando à retirada do exército francês da cidade.

26 a 28 NOV. Passagem da Ponte de Beresina. Retirada desastrosa do exército francês da Rússia.

## 1813

21 JUN. Batalha de Vitória. A vitória aliada obriga à retirada definitiva do exército francês de território espanhol (com excepção da Catalunha).

DEZ. Fernando VII recupera o trono de Espanha

## 1814

JAN. - MAR. O território francês é invadido pelas tropas aliadas.

31 MAR. Capitulação de Paris. As tropas aliadas da Sexta Coligação ocupam a capital francesa.

6 ABR. Napoleão Bonaparte abdica do trono.

10 ABR. Batalha de Toulouse. Última batalha da Guerra Peninsular.

11 ABR. Tratado de Fontainebleau. Napoleão assina formalmente as condições de paz com as potências vencedoras (Áustria, Prússia e Rússia).

3 MAI. Napoleão chega ao seu exílio na ilha mediterrânica de Elba. Luis XVIII regressa a Paris e restaura a Monarquia em França.

30 MAI. Tratado de Paris. Termina a guerra entre a França e a Sexta Coligação e as fronteiras francesas foram restauradas às que existiam em 1792 – Fim oficial da Guerra Peninsular.

1 NOV. Início do Congresso de Viena, que se prolongará até Junho do ano seguinte, com o objectivo, de vencedores e vencidos redenharem a carta política da Europa.

## 1815

26 FEV. Fuga de Napoleão Bonaparte da ilha de Elba.

20 MAR. Napoleão regressa a Paris, tomando o poder, que durará cem dias.

9 JUN. Término do Congresso de Viena. A Europa tem um novo mapa político.

18 JUN. Batalha de Waterloo. As forças britânicas e prussianas derrotam definitivamente o exército francês, comandado por Napoleão Bonaparte.

22 JUN. Segunda abdicação de Napoleão, levando-o novamente a ser desterrado, mas agora definitivamente, para a ilha de Santa Helena, no Atlântico. Acabaria por aí falecer em 1821.

20 NOV. Tratado de Paris. Assinado entre a Grã-Bretanha, Áustria, Prússia e Rússia, na qual impôs que a França ficasse reduzida às fronteiras de 1790, além de ter perdido os territórios conquistados entre aquela data e 1792.





# Os Combates

ANO 6  
N.º 42  
DATA JULHO 2008  
DIRECTOR PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ÓBIDOS - TELMO HENRIQUE CORREIA DANIEL FARIA  
PROPRIEDADE CÂMARA MUNICIPAL DE ÓBIDOS  
EDITOR DAVID VIEIRA  
PAGINAÇÃO SUSANA SANTOS  
FOTOGRAFIA MUNICÍPIO DE ÓBIDOS  
IMPRESSÃO GTO 2000 - SOC. DE ARTES GRÁFICAS, LDA.  
DEPÓSITO LEGAL 186600/02  
ISSN 1647-0494  
TIRAGEM 4000 EX.



MUNICÍPIO DE  
**ÓBIDOS**

[www.cm-obidos.pt](http://www.cm-obidos.pt)

anos  
**2000**

**MEMÓRIAS**  
DA GUERRA PENINSULAR